

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

JONAS BUFALO MARTINS

Plataformização do turismo: uma análise de plataformas de *work exchange*

São Paulo
2024

JONAS BUFALO MARTINS

Plataformização do turismo: uma análise de plataformas de *work exchange*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Henrique Assis Feitosa

São Paulo
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo autor

Martins, Jonas Bufalo

Plataformização do turismo: uma análise de plataformas de work exchange / Jonas Bufalo Martins; orientador, Paulo Henrique Assis Feitosa. - São Paulo, 2024.
54 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Plataformas digitais. 2. Work exchange. 3. Turismo Colaborativo. 4. Economia Colaborativa. 5. Acessibilidade. I. Assis Feitosa, Paulo Henrique. II. Título.

CDD 21.ed. - 910

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

RESUMO

A plataformação da economia vem tomando lugar na sociedade em que vivemos, proporcionando mudanças em diversas áreas, inclusive no turismo. Frente à crescente busca por viagens mais acessíveis e à valorização da experiência e das trocas culturais na atividade turística, as plataformas digitais que mediam o turismo colaborativo ganharam bastante popularidade, principalmente na prática conhecida como *work exchange*, em que são trocados trabalho voluntário por hospedagem e/ou alimentação, num processo que reduz grandemente o custo das viagens. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como as plataformas de *work exchange* contribuem para um turismo mais acessível e sustentável. Na metodologia adotada foram selecionadas cinco plataformas (Worldpackers, Workaway, HelpX, HelpStay e WWOOF) para a análise por meio de cinco critérios objetivos (Diversidade de Destinos, Acessibilidade Financeira, Práticas Sustentáveis, Acessibilidade de Informações e Inclusão de Comunidades Locais) que levam em consideração a acessibilidade e o impacto socioeconômico e cultural das plataformas. Os resultados demonstraram que as plataformas são consideravelmente difundidas pelo mundo, são amplamente acessíveis do ponto de vista financeiro, são altamente alinhadas a práticas sustentáveis e têm margem para melhoria na acessibilidade de informações e na inclusão de comunidades locais. Conclui-se que é necessária a ampliação dos estudos sobre o tema, especialmente no que diz respeito à análise do perfil socioeconômico e motivação dos usuários dessas plataformas, bem como ao impacto de tais plataformas nas economias locais.

Palavras-chave: Plataformas digitais; *Work exchange*; Turismo Colaborativo; Economia Colaborativa; Acessibilidade.

ABSTRACT

The platformization of the economy has been taking place in the society we live in, bringing about changes in several areas, including tourism. Faced with the growing search for more accessible travel and the valorization of experience and cultural exchanges in tourist activity, digital platforms that mediate collaborative tourism have gained considerable popularity, especially in the practice known as work exchange, in which voluntary work is exchanged for accommodation and/or food, in a process that greatly reduces the cost of travel. Therefore, the objective of this work is to analyze how work exchange platforms contribute to more accessible and sustainable tourism. In the methodology adopted, five platforms (Worldpackers, Workaway, HelpX, HelpStay and WWOOF) were selected for analysis using five objective criteria (Diversity of Destinations, Financial Accessibility, Sustainable Practices, Accessibility of Information and Inclusion of Local Communities) that take into account the accessibility and socioeconomic and cultural impact of these platforms. The results demonstrated that the platforms are considerably widespread around the world, are widely accessible from a financial point of view, are highly aligned with sustainable practices and have room for improvement in the accessibility of information and the inclusion of local communities. It is concluded that it is necessary to expand studies on the topic, especially with regard to the analysis of the socioeconomic profile and motivation of users of these platforms, as well as the impact of such platforms on local economies.

Keywords: Digital platforms; Work exchange; Collaborative Tourism; Collaborative Economy; Accessibility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de países cadastrados em cada plataforma	25
Gráfico 2 – Total de países por região do mundo cadastrados em cada plataforma	26
Gráfico 3 – Total de anfitriões cadastrados em cada plataforma	27
Gráfico 4 – Total de anfitriões cadastrados em cada plataforma divididos por região do mundo	27

TABELAS

Tabela 1 – Planos, benefícios e valores para voluntários na Worldpackers	28
Tabela 2 – Resumo com as “melhores” plataformas em cada critério de análise	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FoWO	Federações de Organizações WWOOF
HelpX	Help Exchange
IBM	<i>International Business Machines Corporation</i>
LGBTQ+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, <i>queer</i> , entre outras orientações sexuais e identidades de gênero
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PSS	<i>Product-Service System</i>
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UE	União Europeia
WWOOF	<i>World Wide Opportunities On Organic Farms</i> , antigamente conhecida como <i>Willing Workers On Organic Farms</i>

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Referencial teórico	10
2.1. As plataformas digitais e a plataformização da economia	10
2.2. O impacto das tecnologias digitais na configuração da atividade econômica	12
2.3. A economia colaborativa	13
2.3.1. A economia colaborativa no contexto do turismo	16
2.4. O <i>work exchange</i> e sua mediação por plataformas	17
2.4.1. A problemática da regulamentação	18
3. Metodologia	20
4. Resultados	22
4.1. Worldpackers	22
4.2. Workaway	22
4.3. HelpX	23
4.4. HelpStay	23
4.5. WWOOF	24
4.6. Diversidade de destinos	24
4.7. Acessibilidade financeira	28
4.8. Práticas sustentáveis	31
4.9. Acessibilidade de informações	33
4.10. Inclusão de comunidades locais	36
5. Discussão	38
5.1. Diversidade de destinos	38
5.2. Acessibilidade financeira	39
5.3. Práticas sustentáveis	41
5.4. Acessibilidade de informações	42
5.5. Inclusão de comunidades locais	43
5.6. Quadro comparativo geral	44
6. Considerações finais	46
Referências	48
Apêndice – Link para acesso à planilha “Diversidade de destinos”	54

1. Introdução

A ascensão e disseminação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm revolucionado nossas formas de convivência, produzindo impactos nas esferas econômica e simbólica. Dentro desse contexto, a emergência das plataformas digitais, sejam estas websites ou aplicativos móveis, pode representar uma nova estrutura de organização da atividade econômica (Sundararajan, 2016).

Tais plataformas exercem uma influência significativa nas indústrias culturais, incluindo o turismo, na medida em que garantem um acesso mais amplo às informações e aos serviços e promovem uma participação mais ativa dos usuários na produção e no consumo de conteúdos (Castells, 2005). Ao encontro disso está o impulsionamento exercido por essas plataformas no que Botsman e Rogers (2010) entendem como economia colaborativa, dado que tais ferramentas facilitam o compartilhamento de recursos entre seus usuários, como pode-se verificar nos serviços de compartilhamento de carros, como Uber, e nas plataformas de hospedagem, como Airbnb, os quais têm impactado diretamente a indústria do turismo.

Os impactos sociais e econômicos das plataformas digitais descritos anteriormente têm forte ligação com o momento no qual boa parte das sociedades urbanas estão inseridas atualmente, o qual Lipovetsky (2011) compreende como o paradigma da cultura-mundo, uma conjuntura que é consequência da ascensão das TIC, das corporações multinacionais e do aumento das indústrias culturais.

No contexto do turismo, a introdução do cultural no comércio, abordada por Lipovetsky (2011), está fortemente relacionada à busca por um turismo de experiência, no qual o viajante deixa de buscar o simples deslocamento a um destino visando o lazer e a fuga da rotina, muitas vezes seguindo um roteiro fixo de atividades, e passa a buscar um turismo que tenha mais significado, que oportunize experiências marcantes e autênticas e que proporcione seu enriquecimento pessoal.

Dentro desse cenário, o intercâmbio cultural e o intercâmbio de trabalho (ou *work exchange*) surgem como práticas de grande relevância e que já são consideravelmente difundidas. Entretanto, quando pensamos essas práticas sob o prisma da emergência da sociedade da informação, da ascensão das TIC e do contexto de crescimento da economia colaborativa, nos deparamos com uma

modalidade de intercâmbio bastante específica e pouco estudada e conhecida, ao menos no Brasil (Engelbrecht; Yurgel; Pinheiro, 2018): o *work exchange* mediado por plataformas digitais.

Diante de uma modalidade de turismo relativamente nova, que tem em seu centro o uso das plataformas digitais para possibilitar e mediar a troca de habilidades por hospedagem e/ou alimentação, constatamos um processo que reduz grandemente os custos das viagens. Emerge, portanto, a reflexão sobre o impacto dessas plataformas no maior acesso às viagens e, mais do que isso, sobre como tais plataformas podem contribuir para um turismo mais acessível e sustentável.

É perceptível, ainda mais no contexto brasileiro, a quantidade limitada de estudos sobre o tema, constatada por Engelbrecht, Yurgel e Pinheiro (2018), bem como a falta de recursos para mensurar o impacto dessas plataformas nos fluxos turísticos nos territórios, percebida por Berti e Santos (2021), fazendo-se necessário explorar esta modalidade pouco estudada. Dessa forma, o presente trabalho tem como principal objetivo apresentar e analisar cinco plataformas de *work exchange*, de modo a compreender como elas podem contribuir para um turismo mais acessível e sustentável. Ressalta-se que já temos como base estudos com amostras limitadas, mas que ainda assim demonstram que as plataformas aqui tratadas contribuem em algum grau para a intensificação dos fluxos turísticos, como os de Berti e Santos (2021).

Para atingir o objetivo descrito, o presente trabalho consiste em uma análise das cinco plataformas de *work exchange* selecionadas por meio de pesquisa documental com adoção de critérios objetivos, que consideram tanto a acessibilidade quanto o impacto socioeconômico e cultural destas plataformas. Tais critérios são: Diversidade de Destinos, Acessibilidade Financeira, Práticas Sustentáveis, Acessibilidade de Informações e Inclusão de Comunidades Locais. As plataformas escolhidas, o critério para esta escolha e os demais aspectos metodológicos serão detalhados nas seções seguintes.

Como objetivo secundário, pretende-se fazer uma análise comparativa entre as plataformas escolhidas, de modo a avaliar o desempenho das plataformas em cada critério específico adotado. A partir disso, será feita uma avaliação geral dos desempenhos das plataformas levando-se em conta todos os critérios analisados.

O presente trabalho tem sua importância justificada pela exploração de uma temática ainda pouco estudada no meio acadêmico, abordando um assunto atual e que se relaciona com temas emergentes como a economia colaborativa e a sustentabilidade. Além disso, sua relevância social se dá por fornecer informações sistematizadas e análises comparativas entre as plataformas selecionadas, tendo, portanto, potencial para contribuir nas escolhas dos usuários interessados na prática do *work exchange* pela plataforma para tal.

O trabalho está organizado em seis seções, incluindo-se esta introdução. A **seção 2** tem como objetivo contextualizar os principais objetos do estudo, como as plataformas digitais e a plataformização da economia, a economia colaborativa e a prática do *work exchange*, traçando suas conceituações teóricas e tecendo suas relações com a atividade turística, de modo a fundamentar o trabalho. A **seção 3** detalha a metodologia adotada no trabalho, apresentando o critério para a seleção das plataformas, os tipos de fontes consultadas, os processos de organização e sistematização dos dados obtidos, bem como os procedimentos adotados na análise das plataformas dentro de cada critério objetivo admitido. A **seção 4** trata dos resultados obtidos em cada um dos critérios adotados, apresentando-os de forma descritiva com uso de tabelas e gráficos. Por fim, a **seção 5** consiste na discussão dos resultados obtidos, relacionando-os com as informações expostas no referencial teórico e com outras informações obtidas sobre as plataformas, e a **seção 6** apresenta as considerações finais.

2. Referencial teórico

2.1. As plataformas digitais e a plataformização da economia

Historicamente, podemos perceber que as empresas que modelaram o desenvolvimento das estratégias de plataforma e seus modelos de negócios perduram até os dias atuais. Na década de 1980 e no início dos anos 1990, Intel, Microsoft, Apple e *International Business Machines Corporation* (IBM) popularizaram o computador pessoal. Ao longo da década de 1990, uma segunda onda com Amazon, Netscape, eBay, Yahoo e Google liderou o desenvolvimento da internet sobre o computador pessoal. As mídias sociais surgiram na década seguinte, inicialmente com o Friendster, em 2002, e com o MySpace, em 2003, seguidos pelo Facebook e pelo Twitter. As *start-ups* como Airbnb e Uber deram destaque à economia compartilhada, em um contexto um pouco mais recente, fenômeno que será tratado em mais detalhes posteriormente. Comumente essas empresas são chamadas de empresas de plataforma, embora apresentem diferenças entre si (Cusumano; Gawer; Yoffie, 2019).

Dessa forma, é importante caracterizarmos as plataformas para que possamos compreender adequadamente seu impacto e atuação no mercado. Em geral, as plataformas são recursos que

[...] conectam indivíduos e organizações para um propósito comum ou para compartilhar um recurso comum [...]. No entanto, as plataformas funcionam ao nível de uma indústria (ou ecossistema). Mais importante ainda, reúnem indivíduos e organizações para que possam inovar ou interagir de formas que de outra forma não seriam possíveis, com potencial para aumentos não lineares em utilidade e valor (Cusumano; Gawer; Yoffie, 2019, p. 16, tradução nossa).

Para a compreensão dos referidos aumentos em utilidade e valor, os autores chamam a atenção para o fato de que uma plataforma tem a possibilidade de crescimento de sua utilidade com o poder da rede, ou seja, cada novo usuário pode aproveitar o acesso aos demais usuários e às inovações já existentes na plataforma. Além disso, “[...] o valor das plataformas pode crescer geometricamente se cada novo usuário se conecta com todos os outros usuários ou desfruta de todos os produtos e serviços inovadores já disponíveis para os membros da rede” (Cusumano; Gawer; Yoffie, 2019, p. 16, tradução nossa).

Ademais, os autores elencam e pormenorizam três características únicas das plataformas que atuam em determinada indústria:

- a. **Envolvem vários lados de um mercado:** as plataformas reúnem dois ou mais componentes ou atores do mercado, como compradores e vendedores, ou vendedores e produtores, por exemplo, possibilitando conexões que de outra forma não seriam tão fáceis;
- b. **Geram efeitos de rede:** exemplificando de maneira prática, se um aplicativo de mensagens tem apenas um usuário, ele não gera efeitos de rede e, com isso, tem pouco ou nenhum valor. Um usuário a mais nesta plataforma tornaria suas inovações mais úteis, e mais um usuário a mais as tornaria ainda mais úteis, e assim por diante. Este é um exemplo de um efeito de rede positivo e “direto”, pois envolve um ciclo de feedback positivo (mais usuários incentivam mais usuários) e um único lado do mercado. Quando um lado do mercado atrai ou incentiva outro (usuários incentivam vendedores, por exemplo), há um efeito de rede “indireto” ou “cruzado”. No caso dos efeitos negativos de rede, como a queda do número de usuários, o declínio de um negócio também pode ser vertiginoso;
- c. **Resolvem um “problema de ovo ou galinha”:** normalmente, um lado do mercado precisa adentrá-lo primeiro, fornecendo algo para atrair o outro. Para iniciar os efeitos de rede, as empresas de plataformas devem definir com qual lado do mercado se alinhar primeiro.

É notório que, em comparação com os negócios convencionais, a estruturação de um negócio baseado nos efeitos de rede requer táticas competitivas e visão de mercado concebidos de forma diferente. Entretanto, nem sempre cabe pensar nas plataformas como ator conector dos diferentes lados do mercado, uma vez que há casos em que estratégias e modelos de negócio mais convencionais se aplicam às empresas de plataformas (Cusumano; Gawer; Yoffie, 2019).

De modo geral, “[...] num mercado de plataformas, ter a melhor plataforma é mais importante do que ter o melhor produto” (Cusumano; Gawer; Yoffie, 2019, p. 17, tradução nossa) e

[...] uma estratégia de plataforma deve prevalecer sobre uma estratégia de produto independente quando (1) existem oportunidades para explorar as capacidades de inovação de empresas externas para aumentar o valor; e (2) é mais econômico permitir transações em vez de possuir ativos e entregar produtos ou serviços diretamente (Cusumano; Gawer; Yoffie, 2019, p. 17, tradução nossa).

Voltando ao “problema do ovo ou da galinha”, muitas plataformas que entram em um mercado não conseguem crescer justamente porque não avaliam adequadamente qual lado do mercado é mais importante. Há também os casos em que as plataformas necessitam de muito dinheiro para subsidiar algum lado do mercado, não sobrando recursos para se sustentarem, gerarem efeitos de rede e serem lucrativas (Cusumano; Gawer; Yoffie, 2019).

2.2. O impacto das tecnologias digitais na configuração da atividade econômica

As plataformas contemporâneas da economia compartilhada permitem que a atividade econômica passe a se organizar através de uma nova estrutura, “[...] uma interessantíssima forma híbrida entre mercado e hierarquia, que pode sinalizar a evolução do capitalismo gerencial do século XX para o capitalismo de multidão do século XXI” (Sundararajan, 2016, p. 69, tradução nossa). Apresentando as ideias de outros autores que defendem que os avanços tecnológicos nesse campo afastam a economia dos mercados e a aproximam das hierarquias, bem como trazendo pesquisas de autores que defendem que as tecnologias digitais levariam a economia para a direção inversa disso, Sundararajan (2016) indica que na realidade é possível estarmos caminhando em direção a este híbrido, uma vez que os recursos tecnológicos progressivamente se modificaram e recombinaaram esses dois opostos.

Primeiro, é necessário que contextualizemos estes dois (entre vários) polos de organização da atividade econômica, sendo eles os mercados (*marketplaces*) e as hierarquias (*hierarchies*). Os mercados são conhecidos pela mão invisível de Adam Smith, que estabelece os preços que equilibram oferta e demanda. Neles, os indivíduos compram e vendem entre si, produzindo bens e serviços por meio de seus próprios recursos ou de empréstimos de terceiros. Já as hierarquias representam a mão visível, normalmente compreendidas como as empresas, organizações ou órgãos governamentais. Cada uma delas é composta por unidades operacionais geridas por uma composição hierárquica de empregados assalariados. Estas unidades atuam de maneira coordenada para interagir com seus fornecedores e clientes por meio do mercado (Sundararajan, 2016).

Para elucidar melhor a distinção entre mercados e hierarquias, o autor traz o exemplo da compra de hortifrutigranjeiros, já que “É difícil encontrar outros exemplos que contrastem mercados e hierarquias pois, nas economias ocidentais modernas, as hierarquias são as estruturas predominantes para se organizar a atividade econômica” (Sundararajan, 2016, p. 71, tradução nossa). No caso em que os consumidores adquirem os produtos que desejam em feiras, direto com o produtor, trata-se de trocas mediadas por um mercado. Já quando os produtos são comprados em supermercados ou lojas, pode-se dizer que são adquiridos de hierarquias, as quais são compostas por diferentes unidades responsáveis por atividades como a

coordenação da entrega dos itens, a precificação destes, sua distribuição dentro da loja, entre outros (Sundararajan, 2016).

No caso das plataformas, um dos motivos pelos quais elas confundem os limites entre a hierarquia e o mercado é a inovação aberta, prática em que os clientes e usuários fora da empresa servem como fontes de inovação. Em vez de terceirizar de forma tradicional (contratando um parceiro) para obter uma inovação que necessita, a empresa “terceiriza para a multidão”, compartilhando seus desafios ou requisitos com o público, selecionando as boas ideias obtidas e agregando as inovações a seu processo produtivo (Sundararajan, 2016).

Para além da inovação aberta e da consequente permeabilização dos limites das empresas, o autor demonstra a tendência a este híbrido entre os mercados puros e as hierarquias por meio da avaliação da presença ou ausência de 22 dimensões, sendo algumas delas: sistemas transparentes de feedback entre pares, triagem de fornecedores baseada em plataforma, canais para indicadores de confiança externos e processamento de pagamentos. Aproximando-nos de empresas cujas atividades atualmente permeiam em grande medida a atividade turística, essa análise revela que plataformas como a Airbnb e BlaBlaCar são definitivamente mais semelhantes a mercados, enquanto a Uber se situa de maneira intermediária entre um mercado e uma hierarquia (Sundararajan, 2016).

2.3. A economia colaborativa

Para melhor compreendermos o contexto em que as plataformas de *work exchange* estão inseridas, é indispensável refletirmos acerca do conceito de economia colaborativa, pois o advento dessas plataformas e a busca pelo turismo de experiência estão intimamente ligados a esse novo modo de produção e consumo (Cavalcante, 2018). Tal modelo pode ser entendido como um conjunto de práticas comerciais que tornam possível o acesso a bens e serviços sem haver necessariamente trocas monetárias entre as partes envolvidas. Fazem parte destas práticas transações como compartilhamentos, empréstimos, aluguéis, doações, trocas e escambo (Botsman; Rogers, 2010).

Há diferentes nomes dados a este novo sistema econômico, como o já visto anteriormente, “economia compartilhada”, adotado por Sundararajan (2016) de

maneira intercambiável com “capitalismo de multidão”. Este autor descreve que termos como “economia de pares” (*peer economy*) e “economia sob demanda” (*on-demand economy*) também vêm ganhando popularidade para cunhar esse fenômeno. Entretanto, manteremos, por ora, o uso do termo “economia colaborativa” para designar este objeto de estudo, uma vez que continuaremos apresentando as ideias de Botsman e Rogers (2010), que optam pelo uso deste termo.

Botsman e Rogers (2010) argumentam que nossa forma de consumo passa por um processo radical de mudança, em que o hiperconsumo característico do século XX dá lugar gradativamente ao consumo colaborativo do século XXI. No primeiro, o acesso aos bens e serviços é definido pelo crédito, enquanto no segundo, pela reputação. Vale contextualizarmos melhor o motivo dessa transição, já que é evidente que a sociedade não decidiu repentinamente aderir ao compartilhamento por motivos éticos. Tal adesão se deveu às plataformas digitais, à democratização da computação e das redes sem fio e à disponibilidade gratuita de softwares, elementos que permitem a utilização e compartilhamento dos recursos em sua capacidade máxima e com facilidade (Benkler, 2004).

O consumo colaborativo se configura como uma forma de acomodar necessidades e desejos de uma maneira mais sustentável e com pouco ônus para o indivíduo. Para a área de Marketing e Negócios, tanto o modelo colaborativo de consumo, quanto o compartilhamento, são considerados uma prática comercial inovadora e com preocupação social, com potencial para redirecionar a economia e redistribuir mercados (Botsman; Rogers, 2010). Dessa forma, o consumo colaborativo perdeu o caráter de simples nicho de trocas e se tornou um fenômeno de larga escala, abarcando milhões de usuários e convertendo-se em um investimento lucrativo, enquanto modelo competitivo capaz de desafiar os fornecedores de serviços convencionais (Lamberton; Rose, 2012).

Ainda de acordo com Botsman e Rogers (2010) o consumo colaborativo é subdividido em três sistemas, sendo eles: a. Sistema de Serviços de Produtos ou *Product-Service System* (PSS); b. Mercados de Redistribuição; c. Estilos de vida Colaborativos.

- a. **Sistema de Serviços de Produtos ou *Product-Service System* (PSS):** consiste no pagamento pela utilização de um produto sem que haja sua aquisição. Rompe com o modelo tradicional de propriedade individual.

Exemplos: compartilhamento de automóveis e de bicicletas, aluguel entre pares, aluguel de brinquedos infantis, objetos de moda, acessórios, filmes e livros e energia solar;

- b. **Mercados de Redistribuição:** diferentemente do PSS, os mercados de redistribuição consistem na transferência de propriedade de mercadorias, sendo estas usadas ou não. Exemplos: troca livre, sites de troca de livros, sites de troca de brinquedos infantis, sites de troca de mídia, doações de móveis, troca e empréstimo de e-books;
- c. **Estilos de vida colaborativos:** relacionados ao compartilhamento e trocas de ativos intangíveis, como tempo, espaço, habilidades e dinheiro. Exemplos: espaços de *coworking*, moedas sociais, *crowdfunding*, caronas, caronas de táxi, escambo, compartilhamento de jardins, compartilhamento de espaços para armazenagem e estacionamento, redes de refeições compartilhadas, *couchsurfing*, compartilhamento de talentos, troca de favores e compartilhamento entre vizinhos.

Vale ressaltar que há outros estudiosos do tema que discordam das definições e sistemas de consumo colaborativo propostos por Botsman e Rogers. Belk (2014) considera a visão dos autores demasiadamente ampla e argumenta que

O consumo colaborativo consiste em pessoas que coordenam a aquisição e distribuição de um recurso mediante o pagamento de uma taxa ou outra compensação. Ao incluir outras compensações, a definição também abrange trocas e negociações, que envolvem dar e receber compensações não monetárias. Mas esta definição de consumo colaborativo exclui atividades de compartilhamento como as do *CouchSurfing* porque não há compensação envolvida (Belk, 2014, p. 1597, tradução nossa).

Além disso, pelos mesmos motivos, Belk (2014) exclui de sua definição as doações e quaisquer outras atividades que envolvam a transferência permanente de propriedade sem que haja algum tipo de compensação.

Outra perspectiva relevante acerca da economia colaborativa é o conceito proposto por Gansky (2010): a rede *mesh*. Uma malha (ou *mesh*) é um material de difícil categorização e com diversas utilidades, não chegando a ser um tecido, porém não sendo apenas um conjunto desordenado de fios. A rede *mesh* de Gansky (2010) também é de difícil categorização, entretanto a autora a define como “[...] um tipo de rede que permite que qualquer nó se conecte em qualquer direção com qualquer outro nó dentro do sistema” (Gansky, 2010, p. 14, tradução nossa). A autora sustenta que esta rede tem cinco características principais:

- I. Capacidade de compartilhamento de seus bens e serviços dentro de uma comunidade;
- II. Dependência de redes digitais avançadas;

- III. Prontidão: o compartilhamento de bens e serviços é possível em qualquer lugar e a qualquer hora;
- IV. Substituição da publicidade tradicional por avaliações de usuários nas mídias sociais ou nas próprias plataformas;
- V. Caráter global em escala e em potencial.

Pode-se observar que a perspectiva de Gansky (2010) vai ao encontro das ideias de Benkler (2004), dado que é apoiada fortemente pelo papel viabilizador das tecnologias digitais.

Embora diverjam em suas pormenorizações, Sundararajan (2016) apresenta o que pode ser o denominador comum entre os diferentes conceitos das economias compartilhadas:

Em resumo: parece haver um consenso generalizado de que, qualquer que seja o tipo de economia compartilhada, ela oferecerá um portfólio mais amplo de opções para seus participantes e, possivelmente, uma maior atenção aos objetivos de longo prazo (como a sustentabilidade), bem como uma maior dependência de indicadores sociais em vez de econômicos para facilitar a organização da atividade econômica (Sundararajan, 2016, p. 34, tradução nossa).

2.3.1. A economia colaborativa no contexto do turismo

Já existem estudos feitos pela Organização Mundial do Turismo (OMT) que demonstram a importância da economia compartilhada para o futuro do turismo em termos globais. Um deles nos mostra que em 2017 já havia 8 milhões de camas em meios de hospedagem compartilhados mediados por plataformas digitais em todo o mundo, representando 7% do mercado mundial de hospedagem. Trata-se da modalidade de hospedagem que passa pelo maior crescimento atualmente, com previsão de crescimento anual de 31%, entre 2013 e 2025 (OMT¹, 2017 apud Moreira, 2020).

Este estudo joga luz sobre os efeitos positivos destas plataformas de economia compartilhada, como o acesso mais facilitado aos serviços por parte dos turistas e a simplificação na divulgação e na venda pelos empreendedores, não havendo necessidade de criação de sites e sistemas de pagamentos próprios. Além disso, apresenta os efeitos negativos decorrentes da alta velocidade em que crescem esses

¹ OMT – Organização Mundial do Turismo. **New Platform Tourism Services** (or the so-called Sharing Economy) – Understand, Rethink and Adapt. Madrid: UNWTO, 2017. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284419081>.

novos modelos de negócios, como o *overtourism*², os impactos às comunidades locais e as incertezas que surgem no campo do planejamento e gestão de destinos turísticos devido à falta de controle sobre esses negócios muitas vezes considerados como informais e frequentemente registrados de maneira incorreta (OMT³, 2017 apud Moreira, 2020).

As gigantes Uber e Airbnb são os exemplos mais vistos quando se trata de negócios cujo desenvolvimento se deu em alguma medida a partir do conceito de economia compartilhada, tendo impacto relevante no setor turístico. Pode-se também citar outras referências no setor, como BlaBlaCar, HomeAway e Liftshare. (Heo, 2016).

Retomando os sistemas de consumo colaborativo propostos por Botsman e Rogers (2010), verificamos com base neles que, embora não mencionadas em seus exemplos, as plataformas estudadas na presente produção acadêmica pertencem ao sistema dos estilos de vida colaborativos, já que viabilizam a troca de ativos intangíveis (tempo e habilidades, neste caso) por hospedagem e/ou alimentação. Entre os exemplos citados pelos autores, o *couchsurfing* é o que mais se assemelha com as plataformas de *work exchange*.

2.4. O *work exchange* e sua mediação por plataformas

O intercâmbio de trabalho (ou *work exchange*), no qual podem ser trocados hospedagem e/ou alimentação por trabalho voluntário, é uma prática já realizada desde os anos 1960 nos Estados Unidos e seus benefícios já são bastante conhecidos: o participante ganha com o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas aliado às trocas culturais e ao menor custo possível para a viagem (Hershberg; Van Fleet, 1987). Ainda de acordo com estes autores, um objetivo central ao se desenvolver um programa de intercâmbio de trabalho deve ser a conscientização global dos participantes e comunidades receptoras, de modo a haver a compreensão e o respeito entre diferentes culturas.

² "Overturismo" ou "turismo excessivo", que provoca o esgotamento de atrativos, especialmente os naturais (Araújo, 2024).

³ OMT, op. cit.

A popularização da mediação do *work exchange* por plataformas digitais se trata de um fenômeno bem mais recente, sendo que a Worldpackers, uma das principais plataformas do ramo no Brasil, foi fundada em 2014 (Berti; Santos, 2021). Essa prática alia as novas formas de sociabilidade proporcionadas pelo meio digital, comentadas por Lipovetsky (2010), com os ganhos já conhecidos que o intercâmbio de trabalho pode proporcionar a seus participantes, mencionados anteriormente.

Nessas plataformas digitais, a comunicação entre anfitriões e usuários se dá por meio de *chats*, sendo que em algumas delas há também outro tipo de *chat* que permite o contato com equipes de suporte caso o intercâmbio não esteja transcorrendo de maneira adequada, tanto para o viajante, como para o anfitrião (Berti; Santos, 2021).

2.4.1. A problemática da regulamentação

Apesar dos benefícios mencionados acima e das facilidades de acesso aos turistas e de comunicação e divulgação aos anfitriões, mencionados na subseção 2.3.1, é importante apresentar perspectivas críticas que tratam dos limites e dos efeitos negativos dessa prática, como a precarização do trabalho e do turismo. Motta (2017) ressalta a falta de regulamentação no campo do turismo colaborativo e aponta que essa lacuna trouxe como consequência a exploração ilegal de mão de obra de turistas por parte de estabelecimentos como pousadas, hotéis e *hostels* e até pessoas comuns.

O turismo colaborativo pressupõe uma troca voluntária de serviços e experiências que sejam benéficos para os interessados. Se um anúncio busca pessoas para um trabalho específico e, de certo modo, subordinado, esse serviço não se configura como voluntário (Motta, 2017, n.p.).

A Lei do Voluntariado (nº 9.608 de 18 de fevereiro de 1998) esclarece a razão pela qual o trabalho não remunerado em estabelecimentos como *hostels*, hotéis e pousadas não se configura como voluntário, na medida em que estabelece que a atividade não remunerada só é considerada voluntária se “[...] prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade” (Brasil, 1998, Artigo 1º).

Além disso, Motta (2017) afirma que a prática do turismo colaborativo pode abrir precedente para o trabalho análogo à escravidão, uma vez que o acesso às plataformas de *work exchange* pode ser feito por pessoas que não buscam intercâmbio cultural: “Isso porque uma pessoa de menos recursos, mesmo não sendo turista, pode acabar recorrendo a esses serviços por falta de opções” (Motta, 2017, n.p.).

É importante ressaltar que, à época da publicação de Motta (2017), a área do turismo colaborativo carecia de qualquer tipo de regulamentação e que esse cenário tem mudado. Em dezembro de 2022 foi aprovado pela Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 2.994 de 2020, que modifica a Lei Geral do Turismo (Lei nº 11.771 de 2008) de modo a regulamentar a prática do turismo colaborativo, prevendo

[...] a assinatura de um contrato de troca de experiências que define as contrapartidas de cada lado envolvido, assim como as datas de início e fim da experiência. O texto determina que os contratantes firmem parcerias com entidades ou associações beneficentes locais, a fim de destinar 20% do tempo total da experiência a essas entidades. Em nenhuma hipótese, as relações decorrentes da prática do turismo colaborativo configuram vínculo empregatício (Cedeño, 2022, n.p.).

Atualmente, o projeto se encontra em tramitação no Senado Federal, com relatório com voto pela aprovação do Projeto de Lei. Entretanto, a apreciação da matéria de pauta foi adiada em reunião da Comissão de Desenvolvimento Regional e Turismo realizada no dia 14 de maio de 2024 (Brasil, 2022).

Desse modo, ressaltamos a importância dos esforços para que seja elaborada uma legislação adequada no campo do turismo colaborativo e, mais do que isso, caso aprovado o projeto e sancionada a lei, é indispensável sua observância constante, para que essa prática seja realizada de forma mais ética e consciente.

3. Metodologia

Para apresentar as plataformas de *work exchange* selecionadas neste estudo e examinar como elas podem contribuir para um turismo mais acessível e sustentável, optou-se por uma pesquisa qualitativa e documental, utilizando-se de diversas fontes, como artigos de periódicos, teses e dissertações, notícias, textos em blogs de usuários e blogs das plataformas, bases de dados e websites das plataformas selecionadas, de modo a, além do objetivo central, analisar também aspectos como financiamento, impacto das empresas no mercado, entre outros.

Os critérios objetivos (Diversidade de Destinos, Acessibilidade Financeira, Práticas Sustentáveis, Acessibilidade de Informações e Inclusão de Comunidades Locais) adotados para a pesquisa foram obtidos por meio do ChatGPT, da OpenAI (2024), e tiveram sua escolha justificada por considerarem tanto a acessibilidade quanto o impacto socioeconômico e cultural das plataformas selecionadas e por permitirem uma avaliação comparativa consistente entre elas.

As plataformas escolhidas foram: Worldpackers, Workaway, HelpX, HelpStay e WWOOF. O critério de escolha se baseou pelas plataformas com maior quantidade de informações disponíveis em todos os tipos de fonte consultados, resultando na seleção das cinco plataformas mencionadas. Além disso, um critério sistemático adotado para essa seleção foi a disponibilidade de informações sobre as empresas das plataformas no site Crunchbase, uma plataforma que compila informações comerciais sobre empresas públicas e privadas em escala global, incluindo investimentos e informações sobre financiamento, fusões e aquisições, membros fundadores e indivíduos em posições de liderança, notícias e tendências do setor. No ramo do *work exchange*, as únicas cinco empresas com informações cadastradas na Crunchbase são as selecionadas no presente trabalho.

Para o critério Diversidade de Destinos foram consultados os websites oficiais das cinco plataformas escolhidas, de modo a listar e quantificar todos os países com anfitriões cadastrados em cada uma das plataformas, bem como auferir a quantidade de anfitriões em cada país e região do globo. O levantamento foi realizado entre os dias 13 e 17 de abril de 2024 e os dados obtidos foram organizados em uma planilha, da qual foram extraídos gráficos para apresentar estes dados de maneira mais adequada e organizada. A planilha completa pode ser acessada pelo link que se encontra no Apêndice deste documento.

No critério Acessibilidade Financeira, buscou-se medir a capacidade das plataformas em oferecer oportunidades de turismo a custos reduzidos ou sem custos, avaliando e comparando suas taxas de adesão tanto para voluntários como para anfitriões. Além disso, foram avaliados aspectos como a validade dos planos, a diversidade de métodos de pagamento, as vantagens presentes em cada tipo de plano e a presença ou não de descontos e vale-presente oferecidos pelas plataformas. Tais informações também foram obtidas por meio da consulta aos websites oficiais das plataformas.

O critério Práticas Sustentáveis avalia se as plataformas implementam tais práticas, buscando compreender como elas contribuem para a preservação ambiental e cultural das áreas visitadas e incentivam comportamentos responsáveis entre os voluntários e anfitriões. Para a investigação deste critério foram analisadas informações nos websites e blogs das plataformas, de modo a auferir a quantidade de anfitriões e categorias de trabalho ligadas a práticas sustentáveis em cada uma delas, bem como avaliar a adoção ou não de outras medidas que promovam ou incentivem atitudes sustentáveis entre suas comunidades de voluntários e anfitriões.

O critério Acessibilidade de Informações examina a facilidade de acesso a informações claras e detalhadas sobre as oportunidades de *work exchange* em cada uma das plataformas, incluindo requisitos, detalhes sobre as atividades a serem desenvolvidas, benefícios, avaliações de outros usuários, suporte disponível para os participantes, entre outros. Para isso, foram analisadas diversas páginas de anfitriões nos websites das plataformas.

Por fim, o critério Inclusão de Comunidades Locais busca avaliar as práticas adotadas pelas plataformas para que as comunidades locais não atuem apenas como hospedeiras, mas sim como participantes ativas nos processos de trocas culturais, garantindo benefícios mútuos, de modo a alcançar os objetivos dos programas de *work exchange* de maneira mais próxima ao ideal. Para a análise desse critério foram consultadas as recomendações e orientações aos anfitriões nos websites e blogs das plataformas selecionadas para o estudo.

4. Resultados

4.1. Worldpackers

Fundada em 2014 pelo economista Ricardo Lima e pelo contabilista Eric Faria, brasileiros que deixaram suas profissões para viajar pelo mundo inspirados no estilo de vida colaborativo e na valorização das experiências (Lima, 2022), a Worldpackers se define como “[...] uma comunidade baseada em colaboração e relações honestas que tornam as viagens mais acessíveis para aqueles que procuram uma profunda experiência cultural” (Worldpackers, 2024b, n.p., tradução nossa) e já soma mais de 1,5 milhão de usuários registrados, contando anfitriões e voluntários (Lima, 2022).

O funcionamento da plataforma está inserido na conjuntura do consumo colaborativo, como discutido previamente neste trabalho, e é baseado na conexão entre os viajantes que buscam colocar em prática suas habilidades em troca de alojamento e os anfitriões que buscam auxílio em determinadas tarefas (Worldpackers, 2024b). A variedade de categorias presentes na plataforma permite ao viajante a escolha da forma de trabalho que mais se adeque a seu perfil, já que este pode realizar o intercâmbio e voluntariado em: *hostel*; pousada; *camping*; *homestay*; *guest house*; centro holístico; Organização não Governamental (ONG); escola sem fins lucrativos; comunidade; ecovila; sítio / fazenda; projeto de permacultura; limpeza de praias e *eco lodge* (Worldpackers, 2024a).

4.2. Workaway

Tendo seu website fundado no ano de 2002, a Workaway tem como missão “Construir uma comunidade compartilhada de viajantes globais que desejam genuinamente conhecer o mundo, ao mesmo tempo que contribuem e retribuem aos lugares que visitam” (Workaway, 2024e, n.p., tradução nossa). Para isso, a empresa também se utiliza do modelo de *work exchange*, sendo que suas categorias de anfitriões disponíveis são: famílias e hospedagens domiciliares; anfitriões individuais (inclui atividades que se encaixam nas demais categorias, somente com a diferenciação para os projetos com anfitrião único); projetos em comunidades; ONGs e caridade; cuidado de casas; projetos de ensino; experiências em fazenda; *hostels*; barcos e navegação; projetos ambientais; ajuda e cuidados com animais e outros (categoria que inclui projetos ligados à jardinagem, construção, espiritualidade e bem-estar, assistência a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), além de

combinações e associações entre outras categorias, como projetos de ensino e experiências em fazenda, por exemplo) (Workaway, 2024a).

4.3. HelpX

A Help Exchange ou HelpX, termo abreviado que dá nome à plataforma, foi lançada em abril de 2001 por Rob Prince, um desenvolvedor de sistemas inglês. Após viajar pela Austrália e pela Nova Zelândia por um longo período de tempo e perceber que a prática do *work exchange* nesses países é bastante difundida, Prince notou que diversos albergues e fazendas organizavam a prática de forma improvisada, por meio de quadros de avisos em que eram escritas as tarefas a serem realizadas. Descobrindo que não existia qualquer sistema online que permitisse que os voluntários encontrassem anfitriões adequados e vice-versa, decidiu desenvolver um, colocando em prática suas habilidades adquiridas na graduação. Dois anos após o lançamento da HelpX, Prince sofreu um acidente que o impossibilitou de andar por quase quatro anos, passando assim a dedicar seu tempo para desenvolver melhor a plataforma, que tem tido crescimento constante em número de voluntários e anfitriões ao longo dos anos (HelpX, 2001b).

Em sua plataforma, a HelpX conta com anfitriões cadastrados que permitem aos voluntários atividades em categorias como: *homestay*; *hostels* para mochileiros; fazendas; comunidades; educação; animais; barcos e outros (inclui atividades como jardinagem, construção, pintura e marcenaria) (HelpX, 2001a).

4.4. HelpStay

Criada em fevereiro de 2014 e registrada na Irlanda, a HelpStay é gerenciada por uma equipe de funcionários que vivem em diversos países, como Irlanda, Estados Unidos, Chile, Polônia, Brasil e Albânia. De acordo com sua equipe, a plataforma foi criada

[...] para possibilitar que todos viajem com um propósito e compartilhem suas aventuras. [...] Esteja você em uma missão, buscando seu chamado, planejando ensinar ioga, cursando TOEFL ou apenas procurando uma experiência local incrível com acomodação gratuita [...] (HelpStay, 2024b, n.p, tradução nossa).

Os tipos de estadia disponíveis na plataforma incluem: animais e meio ambiente; albergues e hospedagem para mochileiros; projetos de construção e restauro; agricultura e propriedades rurais; melhoria comunitária; ensino e linguagem; estágios no exterior; voluntariado para grupos e trabalho em viagens de ioga (HelpStay, 2024a).

4.5. WWOOF

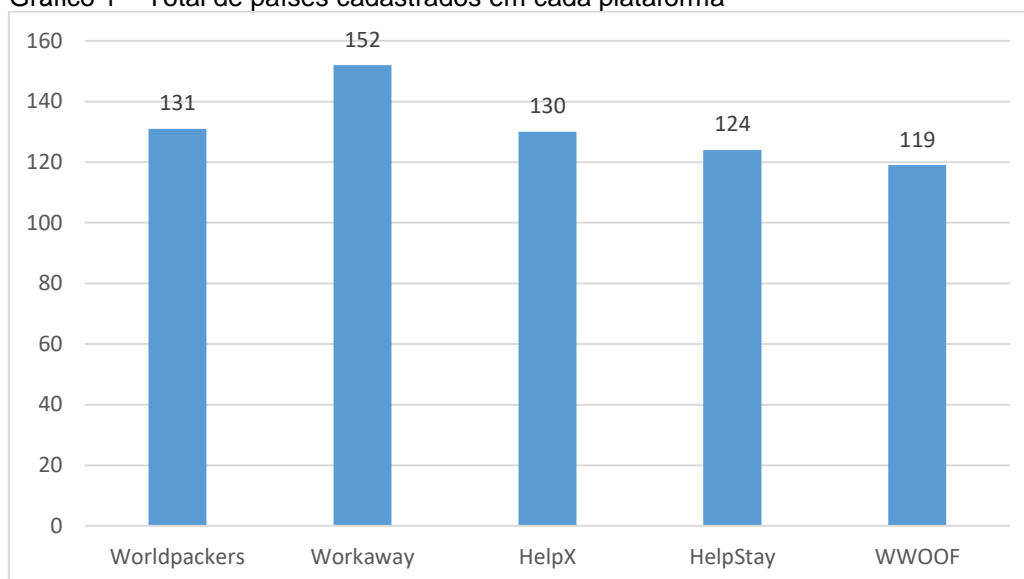
A plataforma *World Wide Opportunities On Organic Farms* (WWOOF) surgiu a partir do programa cujo nome compartilha a mesma sigla, o *Willing Workers On Organic Farms*. Este programa se originou no Reino Unido em 1971 com a finalidade de apoiar o movimento da agricultura orgânica por meio da atração e cooptação de jovens para o voluntariado em fazendas orgânicas, também dentro de um processo de *work exchange* (Deville; Wearing; McDonald, 2016).

Com a revolução digital e a ascensão das plataformas digitais, o *Willing Workers On Organic Farms* se tornou *World Wide Opportunities On Organic Farms*, com um site principal da plataforma, que agrega suas principais informações, e websites independentes que representam o WWOOF em cada um dos países onde o movimento está presente (Moreira, 2020). A plataforma atua como ferramenta de intermediação entre produtores de fazendas orgânicas e viajantes interessados na experiência de trabalhar nestes locais, conviver e aprender na prática sobre a vida de um agricultor. Desta forma, promove experiências culturais e educacionais e está presente em mais de 100 países no mundo (*World Wide Opportunities on Organic Farms*, 2024a).

4.6. Diversidade de destinos

Tendo-se levantado todos os países com anfitriões cadastrados em cada uma das plataformas selecionadas, foi possível obter suas quantidades totais com auxílio dos recursos disponíveis na planilha. Tais dados se encontram detalhados abaixo, no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Total de países cadastrados em cada plataforma

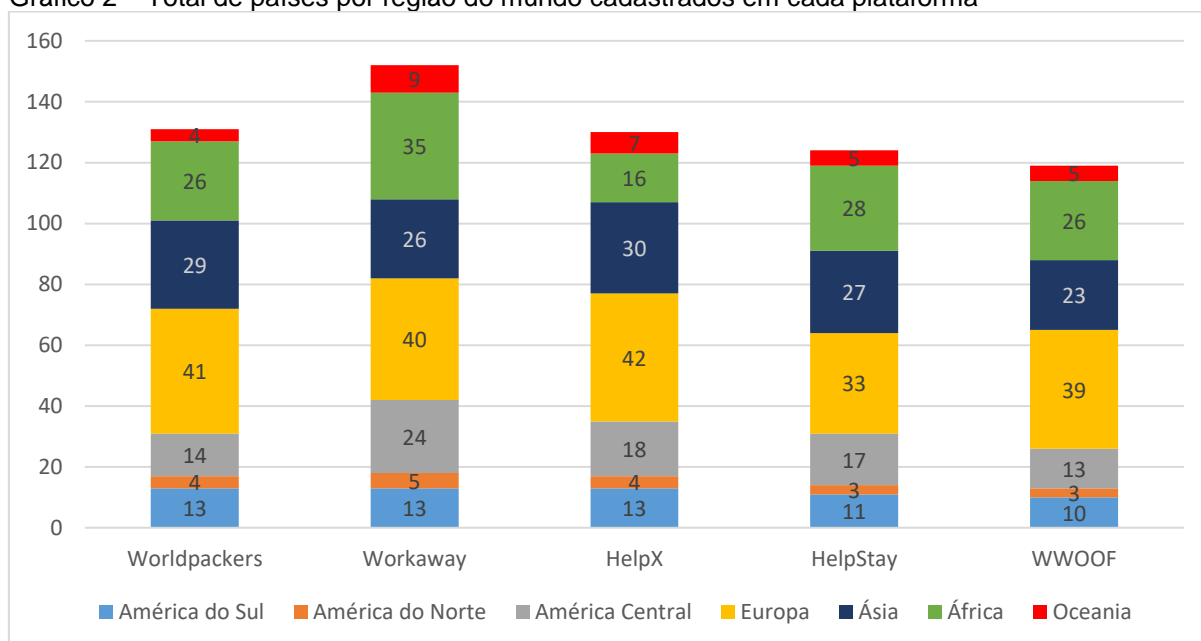


Fonte: elaboração própria com base nos websites das plataformas (Worldpackers, 2024h; Workaway, 2024d; HelpX, 2001c; HelpStay, 2024f; *World Wide Opportunities on Organic Farms*, 2024b).

É possível observar que a plataforma com o maior número de países com anfitriões cadastrados é a Workaway, enquanto há quantidades semelhantes de países entre Worldpackers, HelpX, HelpStay e WWOOF. A WWOOF é a plataforma que apresenta o menor número de países com anfitriões cadastrados entre todas as analisadas.

Visto que nos websites de todas as plataformas estudadas há algum tipo de divisão dos países com anfitriões cadastrados por região do globo, ainda que essas divisões não sejam idênticas entre todas as plataformas, foi possível dividir os países por região para avaliar a concentração dos países com anfitriões cadastrados em cada parte do mundo. As regiões adotadas foram: Ásia, África, América Central, América do Sul, América do Norte, Europa e Oceania. O número de países em cada região em cada uma das plataformas está no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Total de países por região do mundo cadastrados em cada plataforma

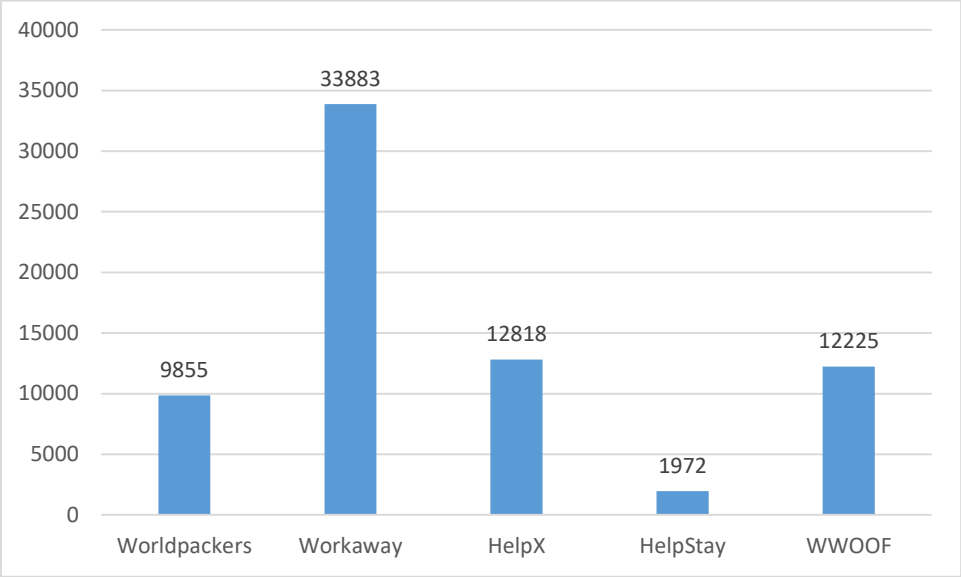


Fonte: elaboração própria com base nos websites das plataformas (Worldpackers, 2024h; Workaway, 2024d; HelpX, 2001c; HelpStay, 2024f; *World Wide Opportunities on Organic Farms*, 2024b).

Verificamos que em todas as plataformas a região com maior número de países com anfitriões cadastrados é a Europa, seguida por África e Ásia (exceto na HelpX, que tem mais países da América Central do que da África), sendo que Workaway, HelpStay e WWOOF abarcam mais países africanos do que asiáticos e Worldpackers e HelpX abarcam mais países asiáticos do que africanos. Além disso, cabe destacar a quantidade maior de países da América Central com anfitriões que aderiram à Workaway em relação às demais plataformas.

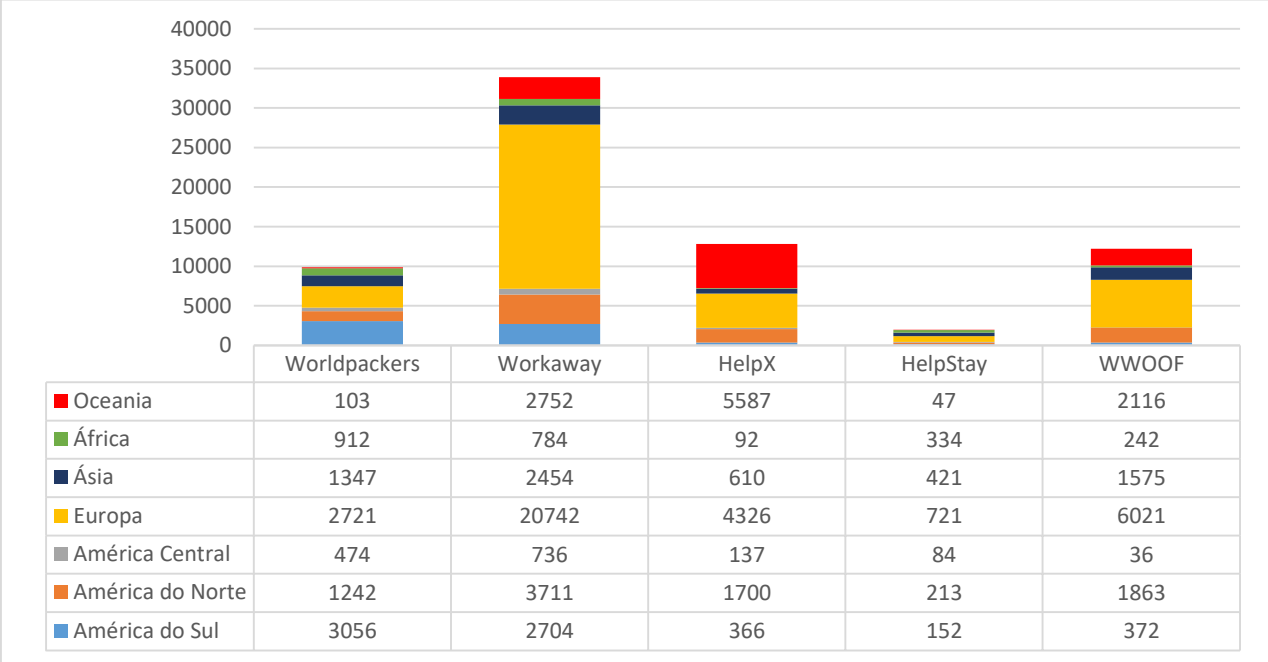
Também foi realizado o levantamento do número de anfitriões cadastrados em cada plataforma estudada, bem como a distribuição deste número em cada região do mundo. Tais quantidades estão contempladas nos Gráficos 3 e 4.

Gráfico 3 – Total de anfitriões cadastrados em cada plataforma



Fonte: elaboração própria com base nos websites das plataformas (Worldpackers, 2024h; Workaway, 2024d; HelpX, 2001c; HelpStay, 2024f; *World Wide Opportunities on Organic Farms*, 2024b).

Gráfico 4 – Total de anfitriões cadastrados em cada plataforma divididos por região do mundo



Fonte: elaboração própria com base nos websites das plataformas (Worldpackers, 2024h; Workaway, 2024d; HelpX, 2001c; HelpStay, 2024f; *World Wide Opportunities on Organic Farms*, 2024b).

Destaca-se que a Workaway é a plataforma com o maior número de anfitriões cadastrados, quantidade superior à de todas as outras plataformas e mais que 2,5 vezes maior que a da plataforma com o segundo maior número de anfitriões, a HelpX. Também salta aos nossos olhos a quantidade bastante inferior de anfitriões cadastrados na HelpStay quando comparada às demais, valor que corresponde a pouco menos que 6% da quantidade de anfitriões na Workaway.

A razão entre o número total de anfitriões e o número de países em que há anfitriões em uma determinada plataforma nos permite saber uma estimativa da concentração média de anfitriões por país, indicador no qual a Workaway também se sobressai em relação às demais plataformas, com aproximadamente 222,91 anfitriões cadastrados por país. Opostamente a isso está o número baixo de anfitriões por país na HelpStay, que corresponde a aproximadamente 15,9. Os valores aproximados deste indicador para Worldpackers, HelpX e WWOOF são, respectivamente, 75,23; 98,6 e 102,73.

Em relação à distribuição por região do mundo, verificamos que em três das cinco plataformas a maior quantidade de anfitriões cadastrados está na Europa, sendo essas três Workaway, HelpStay e WWOOF. Chama nossa atenção o fato de que o número de anfitriões na Workaway somente na Europa é maior que o número total de anfitriões em cada uma das demais plataformas. Além disso, cabe destacar que na Worldpackers a região com maior número de anfitriões é a América do Sul, enquanto na HelpX é a Oceania.

4.7. Acessibilidade financeira

Na análise da acessibilidade financeira para voluntários na Worldpackers, verificou-se a existência de três planos individuais e três planos para duplas, todos com validade de um ano. Os benefícios oferecidos em cada plano e os valores de assinatura e de reembolso estão contemplados abaixo, na Tabela 1. Os campos preenchidos em verde correspondem aos benefícios que são garantidos pelo respectivo plano.

Tabela 1 – Planos, benefícios e valores para voluntários na Worldpackers

Benefícios	Básico	Intermediário	Completo
Conexão com os anfitriões e com a comunidade de viajantes			
Suporte da equipe da plataforma			
Reembolso para acomodação de emergência caso o voluntariado não tenha	Até US\$ 49,00	Até US\$ 199,00	Até US\$ 399,00

corrido como planejado			
Reembolso no caso do não recebimento de respostas dos anfitriões nos primeiros 30 dias de assinatura			
Prioridade no atendimento da equipe de suporte			
Acesso a videoaulas da Worlpackers Academy			
Descontos em planos de idiomas e em seguro-viagem, créditos em SIM card internacional de telefone celular, entre outros			
Valor do plano individual	US\$ 49,00	US\$ 99,00	US\$ 129,00
Valor do plano para duplas	US\$ 59,00	US\$ 119,00	US\$ 149,00

Fonte: elaboração própria com base em Worldpackers (2024e).

Vale ressaltar que a plataforma oferece promoções como a extensão da validade do plano por mais três meses sem custo adicional caso o usuário se inscreva até o fim de determinado mês, como foi observado na consulta ao website feita no período de maio de 2024. Além disso, há a possibilidade de inserção de cupons de desconto, sendo que as formas de pagamento da assinatura são cartão de crédito e boleto bancário (Worldpackers, 2024e). Com relação aos anfitriões cadastrados na Worldpackers, foi verificado que não há necessidade de pagamento para receber voluntários (Worldpackers, 2024d).

Em relação aos voluntários na Workaway, a adesão pode ser feita por um plano individual ou por um plano para duplas, ambos válidos por um ano, oferecendo benefícios como conexão com os anfitriões e com a comunidade, carta de referência pessoal com comentários deixados pelos anfitriões, ajuda emergencial da plataforma e contato com o suporte da equipe, garantia de resposta de anfitriões, verificação de

identidade e verificação manual de cada conta. O cadastro custa US\$ 49,00 por uma conta individual e US\$ 59,00 por uma conta para duplas e as assinaturas podem ser feitas para terceiros como presente. O pagamento pode ser realizado por cartão de crédito ou Paypal (Workaway, 2024g). No âmbito dos anfitriões, não há custo para receber voluntários pela Workaway (Workaway, 2024b).

Com a análise da HelpX foi possível verificar que os voluntários podem se associar por meio de um plano gratuito ou de um plano pago, sendo que o último tem duração de dois anos e custa 20 euros (cerca de US\$ 21,64), oferecendo benefícios não disponíveis no primeiro, como contato direto com os anfitriões para organizar a estadia e leitura das avaliações dos anfitriões. Os dois tipos de plano também são válidos para os anfitriões, que devem pagar a taxa de 20 euros para terem contato direto com todos os voluntários, o que não é possível no plano gratuito. O pagamento é feito via cartão de crédito e as contas podem ser individuais, em dupla ou em família, no caso dos voluntários, sendo que o valor da taxa não varia em função do tipo de conta (HelpX, 2001d). No caso dos anfitriões, as categorias de contas já foram mencionadas na base teórica deste trabalho.

A HelpStay oferece a seus voluntários planos individuais e para duplas, ambos com duração de um ano e com benefícios como o contato direto com todos os anfitriões. A associação custa € 42,99 (cerca de US\$ 46,51) no plano individual e € 51,99 (cerca de US\$ 56,25) no plano para duplas e as formas de pagamento disponíveis são cartão de crédito, Paypal e transferência bancária (HelpStay, 2024d). Para anfitriões, não há pagamento de taxa na plataforma, sendo que ainda há a possibilidade de cobrança de taxas extras por parte dos anfitriões aos voluntários (HelpStay, 2024e).

Por fim, a análise da WWOOF revelou que a plataforma disponibiliza planos individuais e para duplas aos interessados em voluntariar, todos válidos pelo período de um ano. Os valores dos planos variam dependendo do destino, sendo que a assinatura em um país não dá automaticamente ao usuário o acesso em outros países. Em média, um plano individual custa € 26,56 (cerca de US\$ 28,73) e um plano para duplas custa € 40,73 (cerca de US\$ 44,06), sendo que às duplas podem ser incluídas pessoas menores de 18 anos sem cobrança de taxas adicionais, desde que acompanhadas por seus responsáveis legais (WWOOF Brasil, 2024b). Aos anfitriões a assinatura também é válida por um ano, sendo cobrada uma taxa média de € 24,20

(cerca de US\$ 26,18), que também varia de acordo com o país, porém é única, correspondendo a todo o empreendimento do anfitrião e não havendo discriminação entre planos individuais ou para duplas. Cabe destacar que a plataforma fornece códigos de desconto de 15% em qualquer nova assinatura às pessoas que participarem de pelo menos um dos webinários semanais que organiza (*World Wide Opportunities on Organic Farms*, 2024d). Todas as assinaturas incluem direito a perfil personalizado, acesso à lista de anfitriões online, avaliações de membros e ferramentas de mensagens online (WWOOF Brasil, 2024a). Os métodos de pagamento da adesão também variam de acordo com o país, em geral abarcando cartão de crédito e Paypal (WWOOF Japan LLP, [200-?]).

4.8. Práticas sustentáveis

Dentro da avaliação das práticas sustentáveis adotadas pela Worldpackers, foi possível apontar que 8 entre as 14 categorias de anfitriões são ligadas a projetos sustentáveis, sendo elas: ONG, escola sem fins lucrativos, comunidade, ecovila, sítio / fazenda, projeto de permacultura, limpeza de praias e eco *lodge*. Dentro do total de 9.855 anfitriões cadastrados na plataforma, 3.917 consistem em projetos sociais e ecológicos (Worldpackers, 2024c). Além disso, a plataforma lançou em 2023 seu Prêmio de Sustentabilidade Ecológica e Social, realizado anualmente a partir de 2024. Nele, sua comunidade vota nos dez projetos de anfitriões com maior impacto sustentável, os quais dividem uma premiação de US\$ 20.000,00. É importante destacar que, entre outros requisitos para concorrer à premiação, os participantes devem adicionar aos seus perfis os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) nos quais seus projetos se concentram (Worldpackers, 2024f). Outra iniciativa adotada pela plataforma é o Certificado Worldpackers Eco Voluntário, que pode ser obtido pelos voluntários que assistem às videoaulas ligadas a projetos ecológicos na Worldpackers Academy (Worldpackers, 2024c).

As práticas sustentáveis na Workaway estão ligadas a 6 entre as 12 categorias de anfitriões da plataforma, sendo elas: projetos em comunidades, ONGs e caridade, projetos de ensino, experiências em fazenda, projetos ambientais e ajuda e cuidados com animais. A plataforma informa que, dentro do total de 33.883 anfitriões cadastrados, há 2.407 com trabalhos ligados a projetos sustentáveis (Workaway,

2024c), sendo que a eles é solicitado que selecionem os ODS específicos que estão tentando impactar. Além disso, os voluntários podem deixar comentários avaliando como os anfitriões abordam os objetivos selecionados (Workaway, 2024h). Outra ação da plataforma é a plantação de uma árvore a cada novo usuário cadastrado, desde que este contribua com o pagamento de uma pequena taxa (Workaway, 2024f). No blog da comunidade da Workaway, há textos destacando as melhores experiências ligadas à sustentabilidade presentes na plataforma (Hay, [202-]) e na seção “Retribuindo” de seu website é possível conhecer o trabalho feito por sua Fundação, que faz doações a instituições de caridade locais, geralmente anfitriãs cadastradas na plataforma (Workaway Giving Back, 2024).

Na HelpX constata-se que 4 entre as 8 categorias de anfitriões estão relacionadas a práticas sustentáveis, sendo elas: fazendas, comunidades, educação e animais. Com relação ao número de anfitriões, na plataforma há um total de 6.453 anfitriões ligados a práticas sustentáveis entre os 12.818 cadastrados. Não foram encontradas outras medidas ligadas à informação e incentivo aos usuários em relação à sustentabilidade nesta plataforma, as quais são adotadas pela Worldpackers e pela Workaway, por exemplo.

Na HelpStay observa-se que 4 entre 9 categorias têm aderência com a sustentabilidade, sendo elas: animais e meio ambiente, agricultura e propriedades rurais, melhoria comunitária e ensino e linguagem. Tais categorias totalizam 1.000 anfitriões entre os 1.972 em toda a plataforma. Com a pesquisa também foi possível descobrir que não há outras medidas ligadas à informação e incentivo aos usuários em relação à sustentabilidade adotadas pela HelpStay.

No caso da WWOOF, a qual é composta por uma única categoria de anfitriões (fazendas orgânicas), percebe-se uma plataforma voltada à sustentabilidade desde sua concepção, tendo esse valor como sua principal base, já que a rede atua como elo entre as propriedades com produção orgânica e as pessoas que desejam aprender sobre o assunto. Além de sua função principal, a plataforma promove webinários semanais com explicações sobre o funcionamento e os requisitos para o voluntariado em fazendas orgânicas em um determinado destino, sempre com abertura para perguntas da audiência (*World Wide Opportunities on Organic Farms*, 2024c, 2024d). A WWOOF também incentiva doações às Federações de Organizações WWOOF (FoWO), sendo que tais aportes são utilizados para fortalecer o movimento da

agricultura orgânica e capacitar pessoas e comunidades no aprendizado desta prática e em sua conexão com a terra (*World Wide Opportunities on Organic Farms*, 2024e).

4.9. Acessibilidade de informações

A análise da acessibilidade de informações permitiu verificarmos que na Worldpackers os voluntários têm acesso a diversas informações no perfil dos anfitriões, as quais estão resumidas a seguir:

- Nota média das avaliações feitas pelos voluntários, número de avaliações e lista completa destas avaliações;
- Identificação da categoria de trabalho proposta pelo anfitrião (projeto de permacultura, *hostel*, escola sem fins lucrativos etc);
- Concorrência na aplicação para o anfitrião, informando se este é muito concorrido ou se há boas chances de aprovação;
- Principais impactos do voluntariado (apontados pelas pessoas que já participaram da experiência), como aprendizado de idiomas, conexão com viajantes internacionais, conexão com as pessoas locais, aprendizado sobre a sustentabilidade etc;
- Resumo sobre a experiência, requisitos (idiomas, idade, nacionalidade etc) e o que não está incluso (passagens, visto, transporte no local etc);
- Disponibilidade do anfitrião nos próximos meses e tempos mínimo e máximo de estadia para os voluntários;
- Número de horas semanais de trabalho e tipo de atividades a serem desenvolvidas;
- Benefícios recebidos, como número de dias livres por semana, refeições inclusas, quarto compartilhado, uso da cozinha e da lavanderia, acesso à internet, aulas de idiomas, caronas, descontos em restaurantes e passeios locais, emissão de certificado ao fim do voluntariado, além de suporte da equipe da plataforma;
- Fotos e vídeos do local, mapa com a localização, taxa de resposta e tempo médio de resposta do anfitrião, indicações de anfitrião verificado pela plataforma e top anfitrião (média alta de avaliações), indicação de outras experiências do anfitrião cadastradas na plataforma;
- Identificação de projeto sustentável e dos ODS trabalhados pelo projeto;
- Indicação se o projeto precisa de voluntários no momento;
- Indicação se o projeto aceita duplas e casais de voluntários ou somente voluntários individuais.

Com relação à Workaway, foi possível verificar que as informações disponíveis nos perfis dos anfitriões são:

- Nota média das avaliações feitas pelos voluntários, número de avaliações e lista completa destas avaliações;
- Resumo sobre a experiência e requisitos (idiomas);
- Disponibilidade do anfitrião nos próximos meses e tempo mínimo de estadia para os voluntários;
- Número de horas semanais de trabalho e tipo de atividades a serem desenvolvidas;
- Benefícios recebidos, como quarto compartilhado e refeições inclusas (informações inseridas pelos próprios anfitriões), acesso à internet, aulas de idiomas, além de suporte da equipe da plataforma;
- Fotos do local, mapa com a localização, taxa de resposta, tempo médio de resposta do anfitrião e última vez em que respondeu, indicações de e-mail, número de identificação e redes sociais verificados pelo próprio anfitrião, indicações de *super rated host* (média alta de avaliações) e de feedback dado pelo anfitrião aos voluntários;
- Identificação de projeto sustentável e dos ODS trabalhados pelo projeto;
- Indicação se o projeto precisa de voluntários no momento;
- Indicação do número de voluntários que o projeto aceita;
- Indicação se o projeto aceita famílias, crianças, pets e nômades digitais;
- Indicação se o anfitrião tem pets e estacionamento;
- Indicação se há pessoas fumantes no anfitrião.

Na HelpX as informações disponíveis aos voluntários nos perfis dos anfitriões cadastrados são:

- Nota média das avaliações feitas pelos voluntários, número de avaliações e lista completa destas avaliações;
- Resumo sobre a experiência;
- Disponibilidade do anfitrião nos próximos meses (indicação dos meses do ano em que está disponível);
- Número de horas semanais de trabalho e tipo de atividades a serem desenvolvidas (informações inseridas pelos próprios anfitriões, encontradas na maioria das páginas);
- Benefícios recebidos, como quarto compartilhado, acesso à internet e aulas de idiomas;
- Fotos do local, último login e última atualização de perfil do anfitrião, data de cadastro na plataforma, número de identificação do anfitrião;
- Indicação do número de voluntários que o projeto aceita;
- Indicação se o anfitrião tem pets e estacionamento;
- Indicação se há pessoas fumantes no anfitrião.

A HelpStay, por sua vez, permite a seus voluntários o acesso às seguintes informações nos perfis dos anfitriões:

- Nota média das avaliações feitas pelos voluntários, número de avaliações e lista completa destas avaliações (há anfitriões sem avaliação ou comentários);
- Resumo sobre a experiência e requisitos (idiomas e idade);
- Disponibilidade do anfitrião nos próximos meses e tempo mínimo estadia para os voluntários;
- Número de horas semanais de trabalho e tipo de atividades a serem desenvolvidas;
- Benefícios recebidos, como número de dias livres por semana, refeições inclusas, quarto compartilhado, uso da cozinha e da lavanderia e acesso à internet;
- Fotos do local, mapa com a localização, aeroporto mais próximo, taxa de resposta e tempo médio de resposta do anfitrião, último login, indicação de outras experiências do anfitrião cadastradas na plataforma;
- Indicação se o projeto aceita duplas e casais de voluntários ou somente voluntários individuais;
- Indicação se o projeto aceita famílias, crianças e pets.

Por fim, as informações acessíveis aos voluntários nos perfis dos anfitriões na WWOOF são:

- Comentários feitos pelos voluntários (não há o sistema de avaliações com notas ou estrelas; há anfitriões sobre os quais não foram feitos comentários);
- Identificação dos métodos agrícolas utilizados pelo anfitrião (agricultura biodinâmica, permacultura, agricultura regenerativa, gestão holística, agricultura de plantio direto etc) e do tipo de quinta (exploração comercial ou para consumo próprio), com indicação do número de hectares;
- Resumo sobre a experiência;
- Disponibilidade do anfitrião nos próximos meses e tempo mínimo de estadia para os voluntários;
- Tipo de atividades a serem desenvolvidas (horticultura; silvicultura; fruticultura; floricultura; padaria; laticínios; cerveja, vinho e sumos; apicultura; pecuária; avicultura; fabricação de cosméticos naturais etc);
- Benefícios recebidos, como refeições inclusas (com indicação se há opções onívoras, vegetarianas ou veganas) e tipo de quarto (individual, compartilhado ou cabana / casa móvel);
- Fotos do local, mapa com a localização, taxa de resposta e tempo médio de resposta do anfitrião, indicações de anfitrião verificado pela plataforma (assistiu a algum webinar da WWOOF, recebeu pelo menos cinco comentários positivos, escreveu comentários sobre pelo menos cinco voluntários, mantém uma taxa de resposta de pelo menos 90%, entre outros requisitos);

- Indicação se o projeto aceita famílias, crianças e pets;
- Indicação se o projeto é operado por mulheres e/ou pessoas LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, entre outras orientações sexuais e identidades de gênero).

4.10. Inclusão de comunidades locais

Analisando-se as recomendações e orientações aos anfitriões no website da Worldpackers, percebe-se que a plataforma afirma que “Todos os anfitriões oferecem uma oportunidade de desenvolvimento, intercâmbio cultural aos viajantes e acomodação em seu projeto” (Worldpackers, 2024g, n.p.), enfatizando que este intercâmbio cultural deve possibilitar a interação e o desenvolvimento mútuo entre voluntários e anfitrião.

A Workaway destaca a seu anfitrião que este deve “[...] oferecer um ambiente cordial e hospitaleiro para os *Workawayers*” (Workaway, 2024b, n.p.), visto que “Os objetivos principais do Workaway são o intercâmbio cultural e o aprendizado, por isso é importante interagir com seus visitantes sempre que puder para que eles se sintam parte da família, comunidade ou equipe” (Workaway, 2024b, n.p.).

Em sua página de cadastro para anfitriões, a HelpX coloca como campo de preenchimento obrigatório as experiências culturais oferecidas, com opções para serem assinaladas, sendo elas: “gosto de conhecer novas pessoas”, “gosto de mostrar aos voluntários minha área local”, “posso ensinar meu idioma” e “gosto de voluntários que podem cozinhar uma refeição tradicional” (HelpX, 2001d, n.p.).

Em sua página inicial, a HelpStay afirma ser bastante seletiva com os anfitriões, sendo que cada um deles é avaliado e aprovado por sua equipe (HelpStay, 2024a), e em sua página de cadastro para anfitriões, a plataforma lista uma série de atributos que procura em seus hosts, entre eles “Capacidade de proporcionar uma atmosfera acolhedora e amigável aos hóspedes” e “Abertura para compartilhar experiências, conhecimentos e habilidades” (HelpStay, 2024c, n.p., tradução nossa).

Por fim, a WWOOF Brasil descreve em seu website que um ótimo host pratica cultivos e estilos de vida sustentáveis, “Proporciona um ambiente seguro e acolhedor” a seus voluntários, “Se diverte ao partilhar o seu conhecimento e a sua vida diária”, “Está preparado para trabalhar junto com *WWOOFers*, não para delegar-lhes tarefas.

(Por exemplo, *WWOOFers* arrancam ervas daninhas quando eu arranco ervas daninhas)” e “Considera os *WWOOFers* como amigos que vêm ajudá-lo, e não como empregados que trabalham para si (não há relação de subordinação)” (WWOOF Brasil, 2024a, n.p.).

5. Discussão

5.1. Diversidade de destinos

Em relação ao número de países com anfitriões cadastrados em cada uma das plataformas selecionadas, um ponto importante de análise é a quantidade inferior de países que aderiram à WWOOF em relação às demais plataformas. À primeira vista essa quantidade pode parecer uma deficiência da plataforma, entretanto se configura na realidade como um ponto a se destacar, já que a WWOOF oferece apenas uma categoria de trabalho para a prática do *work exchange*, o trabalho em fazendas orgânicas, enquanto as demais plataformas oferecem diversas categorias de trabalho.

Os fatos de o continente europeu ser, em todas as plataformas analisadas, a região com o maior número de países com anfitriões cadastrados, além de ser a região com o maior número de anfitriões cadastrados na maioria das plataformas (3 de 5), podem ser explicados pela livre circulação de pessoas garantida como direito aos cidadãos da União Europeia (UE) e, mais do que isso, pela livre circulação sem necessidade de controles nas fronteiras, no caso dos cidadãos de países pertencentes ao Espaço Schengen (União Europeia, [200-?]). Tais direitos, aliados às extensões territoriais modestas de muitos países da UE, facilitam significativamente a prática do turismo na região, e, consequentemente, do *work exchange*.

Em relação ao total de anfitriões cadastrados em cada plataforma, a grande diferença nesse valor entre as duas plataformas que estão há mais tempo no mercado, Workaway (desde 2002, com quase 34 mil) e HelpX (desde 2001, com quase 13 mil), possivelmente é explicada pela maior variedade de categorias de trabalho oferecidas na Workaway (HelpX, 2001a; Workaway, 2024a). Entretanto, ressaltamos a necessidade de estudos mais aprofundados para investigar as razões de tamanha discrepância, principalmente estudos que pesquisem os motivos da preferência maior pela Workaway em relação à HelpX em países como França (4.044 anfitriões na Workaway a 971 na HelpX), Espanha (4.031 a 469), Itália (3.616 a 418) e Alemanha (1.457 a 265, dados da planilha disponível no Apêndice).

Outra observação importante sobre a HelpX é seu maior número de anfitriões estar na região da Oceania, o que tem relação direta com o fato de a plataforma ter sido criada inspirada pela grande difusão do *work exchange* na Austrália e na Nova Zelândia notada por seu idealizador, Rob Prince, enquanto este viajava por esses dois países, conforme vimos em HelpX (2001b). Pela mesma lógica, podemos afirmar que

o fato de a região da América do Sul concentrar o maior número de anfitriões da Worldpackers (3.056) tem relação direta com a fundação da empresa, a qual foi concretizada por dois brasileiros (Lima, 2022).

Comparando as duas plataformas mais novas, Worldpackers e HelpStay, ambas criadas em 2014, o número consideravelmente maior de anfitriões cadastrados na Worldpackers (9.855, frente a 1.972 na HelpStay) pode ser explicado pelos esforços de marketing feitos pela plataforma brasileira, mais especificamente pela prática conhecida como marketing de afiliados. Na medida em que a Worldpackers se aliou a influenciadores e produtores de conteúdo de viagens por todo o mundo, garantiu seu alcance a mais usuários por meio de recomendações feitas por essas personalidades, com destaque para seu trabalho com personalidades da rede social TikTok (Nascimento, 2020). É possível perceber que tais práticas não foram empreendidas pela HelpStay, ou foram empreendidas em medida bastante menor, dado que a pesquisa pela #HelpStay no TikTok apresenta apenas 57 publicações em seus resultados, sendo que alguns desses posts não mencionam somente a HelpStay, dando destaque a outras plataformas, inclusive a Worldpackers (TikTok, 2024).

Por fim, traçando um panorama geral sobre a diversidade de destinos nas plataformas estudadas, foi possível perceber que todas apresentam um grande número de países com anfitriões cadastrados, com maior destaque para a Workaway (152 países). As maiores diferenças entre as plataformas estão no número total de anfitriões cadastrados e, conseqüentemente, na concentração de anfitriões por país, sendo que a Workaway se sobressai ainda mais em relação às demais quando analisada dentro dessas duas métricas, proeminência que se deve principalmente à grande quantidade de usuários da plataforma na Europa.

5.2. Acessibilidade financeira

Analisando a acessibilidade financeira das plataformas para os voluntários, constatou-se que as duas plataformas que oferecem mais vantagens a seus usuários, Worldpackers e Workaway, têm custo idêntico nos planos individuais (US\$ 49,00) e para duplas (US\$ 59,00), oferecendo os mesmos recursos. A Worldpackers tem vantagem em relação à concorrente por oferecer cupons de desconto, prática que a

Workaway não adota. Entretanto, nos planos em que oferece mais vantagens, a Worldpackers encarece consideravelmente sua adesão.

Considerando somente a taxa de adesão, a HelpX é a plataforma mais acessível aos voluntários, tendo a possibilidade de associação sem pagamento de taxa e tendo o plano com menor custo entre todas as plataformas analisadas (US\$ 21,64), sendo que nele é possível incluir parceiros e membros de família. Entretanto, é importante mencionar que a HelpX não oferece vantagens aos usuários que são oferecidas na adesão à Workaway e à Worldpackers, como o contato com a equipe de suporte e a ajuda emergencial para situações em que o intercâmbio não transcorrer conforme planejado.

Tais benefícios também não são oferecidos pela HelpStay, que, além de ter taxas de adesão quase insignificamente menores que as praticadas por Worldpackers e Workaway, ainda veicula anfitriões que cobram taxas extras aos voluntários, o que corrobora os argumentos de Motta (2017) sobre o impacto das plataformas de turismo colaborativo na precarização do trabalho e, mais do que isso, descaracteriza em grande medida o voluntariado.

A WWOOF, por sua vez, é uma plataforma com taxas de adesão que variam de acordo com o país, porém, em média, é a segunda mais acessível entre as analisadas, o que pode ser justificado pelo fato de ela ser a única instituição sem fins lucrativos entre as companhias aqui estudadas (Crunchbase, 2024a, 2024b, 2024c, 2024d, 2024e).

Para os anfitriões, verificou-se que a maioria das plataformas não cobra taxas de adesão. As exceções a isso são a HelpX e a WWOOF, sendo que a primeira ainda disponibiliza o plano gratuito com menos recursos disponíveis e a segunda, em média, cobra taxas inferiores às cobradas aos voluntários. Portanto, pode-se perceber que tornar-se anfitrião nesse tipo de plataforma é algo geralmente mais acessível do que ser voluntário, o que revela, retomando o “problema do ovo ou da galinha” descrito por Cusumano, Gawer e Yoffie (2019), que a estratégia adotada pela maioria das plataformas desse ramo foi se alinhar inicialmente ao lado do mercado constituído pelos anfitriões para iniciar os efeitos de rede. Tal estratégia se mostrou adequada, visto que, para o lado do mercado composto pelos voluntários, a prática do *work exchange* já é algo que reduz grandemente o custo das viagens, cabendo a eles

escolher a plataforma e o anfitrião que mais se compatibilizam com seus objetivos e preferências.

Em suma, pode-se dizer que as plataformas aqui estudadas são amplamente acessíveis do ponto de vista financeiro aos anfitriões, enquanto aos voluntários a plataforma mais acessível levando-se em conta somente as taxas é a HelpX e as melhores plataformas em termos de custo-benefício são a Workaway e a Worldpackers.

5.3. Práticas sustentáveis

No campo das práticas sustentáveis, é possível perceber que todas as plataformas analisadas têm um grande número de anfitriões com projetos e atividades relacionadas à sustentabilidade, com boa representatividade entre o total de projetos e de categorias de atividades. O maior destaque vai para a Worldpackers e para a Workaway, que, além dos anfitriões com atividades “regulares” cadastrados, buscam a aderência de suas comunidades aos ODS e promovem ações para informar seus voluntários sobre suas práticas sustentáveis. Essas ações, não praticadas pela HelpX e pela HelpStay, têm grande potencial para reforçar os ciclos de feedback positivo entre os lados do mercado (anfitriões e voluntários) e gerar efeitos de rede “cruzados”, como descrito por Cusumano, Gawer e Yoffie (2019), aumentando as bases de usuários dessas duas plataformas. Nesse mesmo sentido, cabe destacar as ações como os webinários promovidos pela WWOOF, que também podem gerar esse mesmo tipo de efeitos de rede.

Cabe também apontar que a Worldpackers e a Workaway adotam estratégias semelhantes no âmbito do incentivo ao comportamento ambientalmente responsável entre seus usuários, sendo que a primeira se destaca mais dentro desse contexto devido à criação do seu Prêmio de Sustentabilidade Ecológica e Social, que tem como requisito a identificação dos ODS trabalhados. A segunda, por sua vez, somente solicita a seus anfitriões que indiquem os ODS que estão tentando impactar, o que não é obrigatório e resulta na não indicação por parte de alguns desses usuários.

Em práticas ligadas à informação dos usuários, a Workaway leva vantagem sobre a concorrente, uma vez que disponibiliza de maneira gratuita em seu blog textos destacando as melhores experiências ligadas à sustentabilidade presentes na

plataforma, enquanto a Worldpackers oferece videoaulas ligadas a projetos ecológicos somente pela Worldpackers Academy, recurso que não está disponível em todos os seus planos de assinatura. Outras iniciativas em que a Workaway leva vantagem por adotar práticas que a concorrente não adota são o plantio de árvores e a criação de sua Fundação para fortalecer instituições de caridade cadastradas ou não na plataforma.

5.4. Acessibilidade de informações

Com a análise da acessibilidade de informações nas plataformas aqui estudadas, verificou-se que a Worldpackers é a plataforma que mais se sobressai em relação às demais neste critério, visto que disponibiliza a seus voluntários informações sobre os anfitriões não contempladas pelas outras plataformas, como: identificação da categoria de trabalho proposta pelo anfitrião, concorrência na aplicação para o anfitrião e principais impactos do voluntariado (apontados pelas pessoas que já participaram da experiência). Além disso, a plataforma apresenta requisitos mais detalhados, abarcando elementos como idiomas, idade e nacionalidade, e destaca o que não está incluso, como passagens, visto, transporte no local etc. Outro diferencial é a inserção de vídeos dos locais, o que também não é visto nos perfis de anfitriões nas concorrentes.

A Workaway não fornece tantas informações como a Worldpackers, porém se destaca em relação às demais plataformas por permitir que seus anfitriões disponibilizem informações como a indicação se o projeto aceita nômades digitais. Entretanto, um ponto de melhora é constatado no que diz respeito às acomodações e refeições, visto que na plataforma esse campo de informações é aberto para descrições por extenso, não havendo opções para assinalar, o que pode gerar informações incompletas ou pouco detalhadas para os voluntários. Um ponto de destaque da Workaway juntamente com a Worldpackers é o destaque aos projetos sustentáveis e a aderência aos ODS, com a problemática já mencionada na seção anterior.

A HelpX é a plataforma com mais carências dentro deste critério, com diversas informações importantes não disponíveis ou pouco claras aos voluntários, como os requisitos para as experiências, os tempos mínimo e máximo de estadia para os

voluntários, o mapa com a localização do anfitrião, a taxa de resposta e o tempo médio de resposta do anfitrião. Além disso, há perfis de anfitriões cadastrados sem fotos de seus projetos e algumas informações como o número de horas semanais de trabalho e o tipo de atividades a serem desenvolvidas são inseridas pelos próprios anfitriões no campo “sobre nós”, e, embora encontradas na maioria dos perfis, não estão presentes em todos eles.

Com relação à HelpStay, pode-se constatar que a plataforma apresenta as informações essenciais aos voluntários, porém não conta com fatores que façam com que ela se destaque em relação às demais plataformas, como os pontos de destaque disponibilizados pela Worldpackers e pela Workaway, por exemplo.

Por fim, com a análise da WWOOF foi possível perceber que a plataforma disponibiliza as informações essenciais aos voluntários, com exceção dos requisitos, e se destaca em comparação com as demais por ser a única que detalha no campo das refeições oferecidas se há opções onívoras, vegetarianas ou veganas e por ser a única que indica se um determinado projeto é operado por mulheres e/ou pessoas LGBTQ+. Os pontos de melhora nesta plataforma dizem respeito às avaliações dos anfitriões, já que não há sistema de pontuação por nota ou por estrelas, e ao detalhamento dos requisitos para as experiências.

Em suma, observa-se que a plataforma com a maior acessibilidade de informações a seus voluntários é a Worldpackers, seguida por WWOOF e Workaway, enquanto a HelpX é a plataforma com o maior número de pontos a serem aprimorados. Destaca-se também que todas as plataformas estudadas apresentam alguma margem para melhorias no que diz respeito a este critério.

5.5. Inclusão de comunidades locais

Pode-se observar que todas as plataformas aqui estudadas colocam em seus discursos a preocupação com que os anfitriões sejam parte ativa de suas trocas culturais com os voluntários e fomentem ambientes amigáveis, acolhedores, horizontais e que favoreçam o aprendizado.

Dentro desse contexto, destacam-se mais a HelpStay e a WWOOF, uma vez que se utilizam de linguagens mais persuasivas, com o uso de expressões como "O

que a HelpStay procura em um host?" (HelpStay, 2024c, n.p., tradução nossa) e "Será um ótimo host se:" (WWOOF Brasil, 2024a, n.p.).

A HelpX, por sua vez, é a plataforma que mais se aproxima de medidas práticas para o fomento dessa postura ativa em seus anfitriões, solicitando a estes que selecionem as experiências culturais que podem oferecer a seus voluntários. Entretanto, a plataforma não apresenta um discurso tão robusto quanto os das demais no que diz respeito ao incentivo dessa postura ativa a seus anfitriões.

Em resumo, pode-se afirmar que as plataformas procuram incentivar seus anfitriões a serem participantes ativos nos processos de trocas culturais por meio de seus discursos. Porém, não existem entre as plataformas analisadas práticas que visem a observância desse tipo de atitude entre os anfitriões, exceto as avaliações que os voluntários podem fazer, as quais não abordam necessariamente as trocas culturais e a postura atuante dos anfitriões.

5.6. Quadro comparativo geral

Em face à análise do desempenho das plataformas selecionadas em cada um dos critérios de análise, é possível construir uma tabela resumindo e destacando as “melhores” plataformas em cada critério. Cabe ressaltar que, pelo fato deste trabalho se tratar de uma análise qualitativa, há “empates técnicos” entre duas plataformas em alguns critérios, como é possível observar na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Resumo com as “melhores” plataformas em cada critério de análise

Critério	"Melhores" plataformas
Diversidade de destinos	Workaway
Acessibilidade financeira	Workaway e Worldpackers
Práticas sustentáveis	WWOOF e Workaway
Acessibilidade de informações	Worldpackers
Inclusão de comunidades locais	WWOOF e HelpStay

Fonte: elaboração própria (2024).

Por meio da análise da Tabela 2, pode-se inferir que a Workaway é a plataforma que mais se destacou, estando entre as “melhores” em 3 dos 5 critérios estabelecidos. A Worldpackers e a WWOOF vêm a seguir, tendo se sobressaído em

2 dos 5 critérios cada uma. Por fim, a HelpStay ficou entre as “melhores” plataformas em um único critério.

6. Considerações finais

No contexto do turismo a nível mundial, as plataformas digitais se tornaram uma realidade na mediação de diversos processos, incluindo a conexão entre voluntários e anfitriões no que é chamado de turismo colaborativo. Nesse sentido, a prática conhecida como *work exchange*, em que são trocados trabalho voluntário por hospedagem e/ou alimentação, teve sua popularidade muito impulsionada quando passou a ser mediada por estas plataformas.

Para os voluntários, o *work exchange* contribui em grande medida para a redução dos custos das viagens, e, quando mediado por plataformas digitais, tem grande potencial para aumentar a base de usuários destas plataformas por meio de ciclos de feedback positivos de voluntários para voluntários, de anfitriões para anfitriões e entre voluntários e anfitriões, em processos conhecidos como efeitos de rede. Dessa forma, as plataformas auxiliam a difundir cada vez mais uma prática que contribui para uma experiência turística mais acessível.

Sendo assim, este trabalho teve como objetivo analisar como as plataformas de *work exchange* contribuem para uma prática turística mais acessível e sustentável. Trata-se de um tema ainda pouco explorado, com uma quantidade bastante limitada de produções científicas que tratem dele. Em face a isso e para se atingir o objetivo do trabalho, foram selecionadas cinco plataformas para análise qualitativa com base em cinco critérios objetivos que tratam da acessibilidade e sustentabilidade no turismo, sendo eles: Diversidade de Destinos, Acessibilidade Financeira, Práticas Sustentáveis, Acessibilidade de Informações e Inclusão de Comunidades Locais.

O trabalho revela que as plataformas selecionadas têm anfitriões cadastrados em diversos países do mundo, com uma concentração mínima de 15,9 anfitriões por país e máxima de 222,91, a depender da plataforma analisada. Também é demonstrado que tais plataformas são amplamente acessíveis do ponto de vista financeiro, principalmente para os anfitriões, e são altamente alinhadas a práticas sustentáveis, tanto nos projetos conduzidos por seus anfitriões, como em ações de conscientização e incentivo ligadas aos ODS. No que diz respeito à acessibilidade de informações e à inclusão de comunidades locais, o estudo constatou que todas as plataformas escolhidas têm margem para melhorias nesses critérios, visto que podem dar maior detalhamento às informações sobre as oportunidades de *work exchange* conduzidas por cada um de seus anfitriões e podem converter seus discursos que

incentivam seus anfitriões a serem participantes ativos nos processos de trocas culturais em práticas efetivas para tal.

Constatou-se como principal limitação para o atingimento dos objetivos do trabalho a quantidade limitada de estudos sobre o tema. Cabe apontar, porém, que quando ampliamos a discussão proposta neste trabalho para o campo do impacto das plataformas de *work exchange* na democratização do turismo, deparamo-nos com a ausência de estudos que investiguem o perfil socioeconômico dos usuários dessas plataformas, o que não nos permite ter uma noção plena deste impacto, visto que se a base de usuários for majoritariamente de uma classe social elevada, por exemplo, não se poderia afirmar que tais plataformas democratizam a atividade turística, já que, apesar de todas as práticas que adotam, elas não dariam acesso ao turismo às classes mais populares.

Desse modo, ainda pensando na ampliação das discussões propostas neste trabalho, encoraja-se a produção de estudos que aprofundem sua temática e busquem compreender a influência das plataformas digitais de *work exchange* na democratização do turismo, analisando o perfil socioeconômico e a motivação dos usuários no Brasil e no mundo, bem como os impactos dessas plataformas nas economias locais, além de incluir outros critérios e métodos de análise consistentes e abrangendo mais plataformas.

Por fim, ressalta-se que a prática aqui estudada, apesar de contribuir para um turismo mais acessível, não deve ser encarada como a solução a todos os males causados pela atividade turística, visto que em alguns casos pode intensificar o *overtourism* nos destinos e retirar oportunidades de trabalho remunerado das populações locais.

Referências⁴

ARAÚJO, Clayton. Ninguém ganha com a presença excessiva de turistas em determinados locais; leia artigo. **O Estado de S. Paulo**, [S.l.], 10 jan. 2024. Economia. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/artigo-overtourism-combate-turismo-massa/>. Acesso em: 3 mai. 2024.

BELK, Russell. You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online. **Journal of Business Research**, v. 67, n. 8, p. 1595-1600, 2014. Disponível em: <https://sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0148296313003366>. Acesso em: 2 mai. 2024.

BENKLER, Yochai. "Sharing Nicely": On Shareable Goods and the Emergence of Sharing as a Modality of Economic Production. **Yale Law Journal**, v. 114, p. 273-358, 2004. Disponível em: <https://benkler.org/SharingNicely.html>. Acesso em: 26 abr. 2024.

BERTI, Tauwan; SANTOS, Larissa Conceição dos. Voluntariado e democratização no acesso ao turismo por meio da plataforma digital Worldpackers. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 9, n. 2, p. 270–288, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/21838>. Acesso em: 14 mar. 2024.

BOTSMAN, Rachel; ROGERS, Roo. **What's mine is yours: the rise of collaborative consumption**. New York: Harper Business, 2010.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 2.994 de 2020**. Altera a Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, para dispor sobre o Turismo Colaborativo. Brasília: Câmara dos Deputados, 2022. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/materias-bicameras/-/ver/pl-2994-2020>. Acesso em: 16 mai. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 1998. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/551484/publicacao/15786776>. Acesso em: 3 mai. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CAVALCANTE, Paula Eugenia da Silva. **Plataforma Worldpackers: a economia colaborativa como dispositivo de imersão cultural e linguística**. 2018. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11151>. Acesso em: 13 mar. 2024.

CEDENO, Karina. Projeto que regulamenta Turismo colaborativo é aprovado pela Câmara. **Panrotas**, [S.l.], 19 dez. 2022. Destinos. Disponível em: https://www.panrotas.com.br/destinos/eventos/2022/12/projeto-que-regulamenta-turismo-colaborativo-e-aprovado-pela-camara_193760.html. Acesso em: 5 mai. 2024.

⁴ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023:2018).

CRUNCHBASE. **HelpStay.** 2024a. Disponível em: <https://www.crunchbase.com/organization/helpstay>. Acesso em: 10 mai. 2024.

CRUNCHBASE. **HelpX.** 2024b. Disponível em: <https://www.crunchbase.com/organization/helpx>. Acesso em: 10 mai. 2024.

CRUNCHBASE. **Workaway.** 2024c. Disponível em: <https://www.crunchbase.com/organization/workaway>. Acesso em: 10 mai. 2024.

CRUNCHBASE. **Worldpackers.** 2024d. Disponível em: <https://www.crunchbase.com/organization/worldpackers>. Acesso em: 10 mai. 2024.

CRUNCHBASE. **WWOOF.** 2024e. Disponível em: <https://www.crunchbase.com/organization/wwooof>. Acesso em: 10 mai. 2024.

CUSUMANO, Michael; GAWER, Annabelle; YOFFIE, David. **The business of platforms**: strategy in the age of digital competition, innovation and power. New York: Harper Business, 2019.

DEVILLE, Adrian; WEARING, Stephen; MCDONALD, Matthew. Tourism and Willing Workers on Organic Farms: a collision of two spaces in sustainable agriculture. **Journal of Cleaner Production**, v. 111, parte B, p. 421-429, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0959652614013687>. Acesso em: 13 mar. 2024.

ENGELBRECHT, Roberta Ferreira; YURGEL, Luiza Gastaud; PINHEIRO, Pedro Mascarenhas de Souza. O Turismo Colaborativo como Ferramenta de Intercâmbio: Estudo de Caso em uma Universidade Brasileira. **Applied Tourism**, v. 3, n. 3, p. 13-36, 2018. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/ijth/article/view/13777>. Acesso em: 13 mar. 2024.

GANSKY, Lisa. **The mesh**: why the future of business is sharing. New York: Penguin Group, 2010.

HAY, Lauren. The Best Workaway Experiences for Eco-Warriors. In: WORKAWAY.INFO Blog. [S.l.], [202-]. Disponível em: <https://www.workaway.info/en/stories/best-sustainable-volunteer-work-for-eco-warriors>. Acesso em: 14 mai. 2024.

HELPSTAY. 2024a. Disponível em: <https://www.helpstay.com>. Acesso em: 4 mar. 2024.

HELPSTAY. **About us.** 2024b. Disponível em: <https://www.helpstay.com/pages/about>. Acesso em: 4 mar. 2024.

HELPSTAY. **Become a Host.** 2024c. Disponível em: https://helpstay.com/users/sign_up?u=host. Acesso em: 18 mai. 2024.

HELPSTAY. **Membership for 1 year.** 2024d. Disponível em: https://helpstay.com/select_plan. Acesso em 7 mai. 2024.

HELPSTAY. **Renewals & fees.** 2024e. Disponível em: <https://helpstay.com/pages/whats-the-cost>. Acesso em 7 mai. 2024.

HELPSTAY. **Where do you want to volunteer?** 2024f. Disponível em: https://helpstay.com/search?utf8=%E2%9C%93&stay%5Bquery_hidden%5D=+%&stay%5Bquery%5D=&stay%5Bquery_category_hidden%5D=&stay%5Bquery_category%5D. Acesso em: 16 abr. 2024.

HELPIX. 2001a. Disponível em: <https://www.helpx.net>. Acesso em: 5 mar. 2024.

HELPIX. **About Us.** 2001b. Disponível em: <https://www.helpx.net/page/about-us>. Acesso em: 5 mar. 2024.

HELPIX. **Find Hosts.** 2001c. Disponível em: <https://www.helpx.net/host>. Acesso em: 15 abr. 2024.

HELPIX. **Please select your registration type.** 2001d. Disponível em: <https://www.helpx.net/registerchoice>. Acesso em: 7 mai. 2024.

HEO, Cindy Yoonjoung. Sharing economy and prospects in tourism economy. **Annals of Tourism Research**, v. 58, p. 166-170, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738316300123>. Acesso em: 4 mai. 2024.

HERSHBERG, David; VAN FLEET, James A. Work Exchange Programs: Achieving More for Less. **The Modern Language Journal**, v. 71, n. 2, p. 174-179, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/327205>. Acesso em: 14 mar. 2024.

LAMBERTON, Cait Poynor; ROSE, Randall L. When is ours better than mine? A framework for understanding and altering participation in commercial sharing systems. **Journal of Marketing**, v. 76, n. 4, p. 109-125, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1509/jm.10.0368>. Acesso em: 27 abr. 2024.

LIMA, Ricardo. A história da Worldpackers: como e por que o projeto nasceu?. In: BLOG da Comunidade Worldpackers. [S.l.], 02 mai. 2022. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/articles/a-historia-da-worldpackers>. Acesso em: 29 abr. 2024.

LIPOVETSKY, Gilles. Discussion. [Entrevista cedida a] Pierre-Henri Tavoillot, Vincent Giret e Francis Rousseau. **L'Occident Mondialisé. Controverse sur la culture planétaire**. Paris: Grasset, 2010. p. 133-155.

LIPOVETSKY, Gilles. El reino de la hipercultura: cosmopolitismo y civilización occidental. In: JUVIN, Hervé; LIPOVETSKY, Gilles. **El Occidente Globalizado. Un debate sobre la cultura planetaria**. Barcelona: Anagrama, 2011. p. 11-43. Tradução de: Antonio-Prometeo Moya.

MOREIRA, Kali Fauaze. **Millennials e o Turismo Colaborativo**: O caso do *work exchange* em Lisboa. 2020. 131 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, 2020. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/35735>. Acesso em: 3 mai. 2024.

MOTTA, Anaís. Trabalho voluntário ou exploratório: os limites do turismo colaborativo. **Época**, [S.l.], 29 ago 2017. Economia. Disponível em: <https://epoca.globo.com/economia/noticia/2017/08/trabalho-voluntario-ou-exploratorio-os-limites-do-turismo-colaborativo.html>. Acesso em 5 mai. 2024.

NASCIMENTO, Kleide Silva do. **Turismo e os millennials**: relatos de experiências dos usuários da Worldpackers. 2020. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/21983>. Acesso em: 12 mai. 2024.

OPENAI. **Critérios para análise do impacto das plataformas de work exchange na acessibilidade e sustentabilidade no turismo**. 2024. 1 conversa no ChatGPT. Disponível em: <https://openai.com/chatgpt/>. Acesso em: 9 mar. 2024.

SUNDARARAJAN, Arun. **The sharing economy**: The end of employment and the rise of crowd-based capitalism. Cambridge: MIT Press, 2016.

TIKTOK. **#HelpStay**. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/tag/helpstay>. Acesso em: 12 mai. 2024.

UNIÃO EUROPEIA (UE). **Viajar na UE**: Os seus direitos e as regras da UE. [200-?]. Disponível em: https://european-union.europa.eu/live-work-study/travelling-eu_pt. Acesso em: 9 mai. 2024.

WORKAWAY. 2024a. Disponível em: <https://www.workaway.info/pt/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

WORKAWAY. **Como ser um anfitrião Workaway?**. 2024b. Disponível em: <https://www.workaway.info/pt/info/how-it-works/host>. Acesso em: 7 mai. 2024.

WORKAWAY. **Environmental Projects from around the world**. 2024c. Disponível em: https://www.workaway.info/en/hosttype/sustainable_project. Acesso em: 14 abr. 2024.

WORKAWAY. **Lista de Anfitriões Workaway** - Encontre Anfitriões e Organizações. 2024d. Disponível em: <https://www.workaway.info/pt/hostlist?all=1>. Acesso em: 14 abr. 2024.

WORKAWAY. **Our Mission!**. 2024e. Disponível em: <https://www.workaway.info/pt/community/mission>. Acesso em: 7 mar. 2024.

WORKAWAY. **Viagens responsáveis frente às mudanças climáticas**. 2024f. Disponível em: <https://www.workaway.info/pt/community/climate>. Acesso em: 14 abr. 2024.

WORKAWAY. **Viaje diferente, conecte-se globalmente**. 2024g. Disponível em: <https://www.workaway.info/pt/signup/workawayer>. Acesso em: 7 mai. 2024.

WORKAWAY. **Workaway.info supports the Sustainable Development Goals**. 2024h. Disponível em: <https://www.workaway.info/en/info/un-development-goals>. Acesso em: 14 abr. 2024.

WORKAWAY GIVING BACK. 2024. Disponível em: <https://www.workawayfoundation.org/>. Acesso em: 14 mai. 2024.

WORLDPACKERS. 2024a. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR>. Acesso em: 3 mar. 2024.

WORLDPACKERS. **About us.** 2024b. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/about-us>. Acesso em: 3 mar. 2024.

WORLDPACKERS. **Construa um futuro resiliente e próspero hospedando as pessoas mais colaborativas e de mente aberta em seu projeto!**. 2024c. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/hosts/eco>. Acesso em: 12 mai. 2024.

WORLDPACKERS. **Dúvidas iniciais sobre ser anfitrião Worldpackers.** 2024d. Disponível em: <https://help.worldpackers.com/hc/pt-br/articles/5158634056461-D%C3%BAvidas-Iniciais-sobre-ser-Anfitri%C3%A3o-Worldpackers>. Acesso em: 2 mai. 2024.

WORLDPACKERS. **Escolha seu plano para se tornar membro.** 2024e. Disponível em: https://www.worldpackers.com/pt-BR/get_verified. Acesso em: 2 mai. 2024.

WORLDPACKERS. **Prêmio de Sustentabilidade Ecológica e Social da Worldpackers.** 2024f. Disponível em: https://www.worldpackers.com/pt-BR/hosts/annual_awards. Acesso em: 12 mai. 2024.

WORLDPACKERS. **Receba voluntários dispostos a te ajudar a desenvolver seu projeto.** 2024g. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/hosts>. Acesso em: 18 mai. 2024.

WORLDPACKERS. **Veja todos os voluntariados e intercâmbios da Worldpackers no mundo.** 2024h. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/search>. Acesso em: 13 abr. 2024.

WORLD WIDE OPPORTUNITIES ON ORGANIC FARMS (WWOOF). **About WWOOF.** 2024a. Disponível em: <https://wwooof.net/about/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

WORLD WIDE OPPORTUNITIES ON ORGANIC FARMS (WWOOF). **Destinations.** 2024b. Disponível em: <https://wwooof.net/destinations/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

WORLD WIDE OPPORTUNITIES ON ORGANIC FARMS (WWOOF). **Events.** 2024c. Disponível em: <https://wwooof.net/events/>. Acesso em: 7 mai. 2024.

WORLD WIDE OPPORTUNITIES ON ORGANIC FARMS (WWOOF). **WWOOFing 101 May Webinar.** 2024d. Disponível em: <https://wwooof.net/events/wwooofing-101-may2024-webinar/>. Acesso em: 7 mai. 2024.

WORLD WIDE OPPORTUNITIES ON ORGANIC FARMS (WWOOF). **You can help cultivate a more sustainable, resilient, and harmonious world!**. 2024e. Disponível em: <https://wwooof.net/donate/>. Acesso em: 7 mai. 2024.

WWOOF Brasil. **Como Funciona:** torne-se host. 2024a. Disponível em: <https://wwooofbrasil.org/pt/how-it-works?tab=host>. Acesso em: 8 mai. 2024.

WWOOF Brasil. **Como Funciona:** torne-se WWOOFer. 2024b. Disponível em: <https://wwooofbrasil.org/pt/how-it-works?tab=wwoofer>. Acesso em: 8 mai. 2024.

WWOOF Japan LLP. **How to Pay for Membership.** [200-?]. Disponível em: https://www.woofjapan.com/home/index.php?option=com_content&view=article&id=32&Itemid=291&lang=en. Acesso em: 8 mai. 2024.

Apêndice – Link para acesso à planilha “Diversidade de destinos”

<https://1drv.ms/x/s!Aj9cm2ayZyxlpDwOpXp-MdWTie6w?e=NGoWIR>